



ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS

ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

2022/23

FICHA TÉCNICA

Título

Assimetrias entre Escolas: Ensinos Básico e Secundário, 2022/23

Autores

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Divisão de Estudos e de Gestão do Acesso a Dados para Investigação (DEGADI)

Patrícia Pereira (Apuramento de dados)

Patrícia Pereira e Joana Duarte (Relatório)

Nuno Neto Rodrigues e Filomena Oliveira (Direção)

Edição

© Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Av. 24 de Julho, n.º 134

1399-054 Lisboa

Tel.: (+351) 213 949 200

E-mail: dgeec.degadi@dgeec.medu.pt

URL: <https://www.dgeec.medu.pt>

ISBN: 978-972-614-856-2

Capa

Celine Mestre

novembro 2024

Estudos da Educação:



Índice

Sumário executivo	4
Introdução	6
1. ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS – ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO.....	8
2. ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS – ENSINO BÁSICO.....	10
2.1. ASSIMETRIAS NOS DISTRITOS	10
2.1.1. ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS DO MESMO DISTRITO	11
2.1.2. COMPARAÇÃO ENTRE DISTRITOS	13
2.2. ASSIMETRIAS NOS MUNICÍPIOS.....	18
3 - ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS – ENSINO SECUNDÁRIO	22
3.1. ASSIMETRIAS NOS DISTRITOS	22
3.1.1. ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS DO MESMO DISTRITO	23
3.1.2. COMPARAÇÃO ENTRE DISTRITOS	25
3.2. ASSIMETRIAS NOS MUNICÍPIOS.....	29
Anexos	32

Sumário executivo

Este relatório apresenta as assimetrias entre as escolas públicas dos ensinos básico e secundário em Portugal continental, no ano letivo 2022/23. Analisa as disparidades existentes nas escolas em termos de contexto socioeconómico dos seus alunos, partindo de um estudo, circunscrito ao 2.º ciclo do ensino básico, realizado em 2018 pela DGEEC.

Da análise destacam-se os seguintes resultados:

No ensino básico:

- É nos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico que se regista a maior percentagem de alunos com Ação Social Escolar (ASE) 36% em ambos os ciclos, sendo que, face ao ano letivo 2015/16, esta proporção diminuiu 12 pontos percentuais (p.p.). No 3.º ciclo, o valor foi de 33% (figura 1);
- Coimbra foi o distrito com menor percentagem de alunos com ASE, variando entre os 22% e os 28% nos três ciclos do ensino básico. Já os distritos de Bragança, Portalegre e Faro registaram as maiores percentagens de alunos com ASE, variando entre os 37% e os 46% (figura 3);
- Os distritos com distribuições mais heterogéneas dos alunos com ASE foram, em 2022/23 no 2.º ciclo, Lisboa (18 p.p.), Vila Real, Portalegre e Setúbal (todos 16 p.p.), no 3.º ciclo foram os distritos de Beja, Lisboa e Vila Real (todos com 18 p.p.) e no 1.º ciclo foram os distritos de Faro (21 p.p.), Setúbal (20 p.p.), Lisboa (19 p.p.) e Viseu (19 p.p.). Por outro lado, as regiões do país que têm escolas mais parecidas entre si, portanto com uma distribuição mais homogénea dos alunos com ASE, foram no 2.º ciclo os distritos de Coimbra, Santarém e Viana do Castelo, no 3.º ciclo Leiria e Viana do Castelo e no 1.º CEB Coimbra, Braga e Guarda (figura 8);
- Os municípios de Lisboa e Porto continuam a ter escolas públicas em que menos de 10% dos alunos beneficiam de apoio de ASE e, em paralelo, têm várias outras com mais de 70% de alunos nestas condições (figuras 14 e 16);
- Relativamente à escolaridade das mães, os municípios de Lisboa e do Porto mostram assimetrias muito vincadas em que se observam um conjunto de escolas em que praticamente todas as mães têm o 12.º ano completo, mas, ao mesmo tempo, existem outras em que entre 80% a 90% das mães têm habilitação escolar inferior ao ensino secundário em todos os três ciclos de ensino básico (figuras 15 e 17).

Ensino Secundário:

- No ensino secundário, a percentagem dos alunos com apoios de ASE, no ano letivo 2022/23, em Portugal continental, foi de 20% nos cursos científico-humanísticos (CCH) e de 33% nos cursos profissionais (CP) (figura 1);
- Nos CCH, foram os distritos de Vila Real (26%), Viana do Castelo e Portalegre (ambos com 25%), que tiveram maior percentagem de alunos com ASE e, nos CP os distritos de Bragança (50%) e Guarda (47%) (figura 18);

- Coimbra, Leiria e Beja foram os distritos com menor percentagem de alunos com ASE, variando entre os 13% e os 16% nos CCH e entre os 22% e os 25% no CP (figura 18);
- Nos CCH, os distritos de Vila Real e Castelo Branco registaram as maiores diferenças médias entre escolas, em média cerca de 15 p.p. No caso dos CP, o distrito com maior diferença média entre escolas foi o da Guarda (46 p.p.), seguindo-se os distritos de Bragança, Viseu e Vila Real, que apresentaram diferenças entre escolas, em média de cerca de 20 p.p. (figura 23);
- Os municípios de Lisboa e Porto, nos CCH, não tinham nenhuma escola pública com mais de 50% de alunos com ASE, tendo o valor variado entre os 45% e os 5% e os 41% e os 12%, respetivamente. Nos CP, a proporção de alunos ASE variou entre os 56% e os 12% em Lisboa e entre os 62% e os 29% no Porto (figuras 27 e 29);
- Relativamente à escolaridade das mães, tanto no município de Lisboa como no Porto, na maioria das escolas, mais de metade dos alunos dos CCH tinham mães com o ensino secundário completo. No entanto, nos CP, em ambos os municípios, a situação é diferente, já que, na maioria das escolas, mais de metade dos alunos tinham mães sem, na legislação atual, a escolaridade obrigatória completa (figuras 28 e 30).

Introdução

O presente relatório, partindo de um estudo realizado pela DGEEC em 2018¹ – na altura circunscrito ao 2.º ciclo do ensino básico -, pretende analisar as disparidades existentes nas escolas públicas, em termos de contexto socioeconómico dos seus alunos. O principal objetivo é compreender se existem diferenças significativas entre os contextos educativos em Portugal, quantificando essas diferenças e identificando as regiões onde as assimetrias são mais acentuadas. A diversidade social dentro das escolas, e entre escolas, contribui para a promoção da equidade, da mobilidade social e, ao limite, poderá ser determinante para o percurso escolar e a inserção profissional futura destes jovens. A concentração de determinado perfil socioeconómico numa escola de uma região, poderá indiciar uma diferenciação, não justificada, entre alunos de meios desfavorecidos e alunos de estratos mais elevados em outra, pelo que o presente relatório tenta analisar e identificar as eventuais segregações intrarregiões.

Assim, com base nos dados reportados pelas próprias escolas aos sistemas de informação do Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI), a análise incide sobre todas as escolas públicas (Tuteladas pelo MECI), que ministram os ensinos básico e secundário, localizadas em Portugal continental, tendo sido utilizado, como indicador de contexto socioeconómico, a percentagem de alunos que beneficiaram da Ação Social Escolar (ASE)² no ano letivo de 2022/23. Para o cálculo dos indicadores consideraram-se apenas as escolas com pelo menos 30 alunos e com uma percentagem de alunos com ASE não inferior a 4%.

Enquadramento:

Alguns estudos mais recentes (Silva et al.)³, (Cardoso e Lima)⁴ sobre as assimetrias entre escolas públicas indicam que as desigualdades educacionais persistem, sendo moldadas por uma combinação de fatores socioeconómicos, geográficos e políticos existentes em todos os países, nomeadamente:

- 1) Assimetrias socioeconómicas regionais: as várias regiões têm populações e tecidos económicos distintos, e essas diferenças podem eventualmente refletir assimetrias entre escolas quando se comparam escolas de regiões diferentes. Neste relatório, à semelhança do que já aconteceu no estudo de 2018 em relação ao indicador da percentagem de alunos ASE, observou-se que as assimetrias entre escolas em distritos diferentes existem, independentemente do nível ou ciclo de ensino analisado. Existem distritos com

¹ Estudo "Assimetrias de contexto socioeconómico entre escolas públicas – 2.º ciclo, 2015/16", disponível aqui: <https://www.dgeec.medu.pt/art/educacao-pre-escolar-basico-e-secundario/estudos/historico/6554aa033c15e4d06cc450d8>

² No presente relatório, consideram-se os escalões de Ação social Escolar (ASE) que beneficiam da maioria dos apoios atualmente em vigor, nomeadamente o escalão A, correspondente ao nível de rendimentos familiares mais baixo (nível 1 do Abono de Família) e o escalão B, correspondente a um rendimento ligeiramente superior, mas ainda considerado como situação de privação (nível 2 do Abono de Família).

³ Silva, et al., (2020), Desempenho escolar e impacto do contexto socioeconómico.

⁴ Cardoso e Lima, (2019), Segregação escolar e efeitos das Políticas educacionais.

proporção de alunos ASE muito elevada, indicando uma maior concentração de alunos e condições socioeconómicas mais desfavorecidas, e outros distritos em que essa proporção é mais residual.

- 2) Segregação residencial dentro de uma mesma região: mesmo numa região ou município de pequenas dimensões, observam-se assimetrias entre diferentes zonas residenciais, em termos do nível socioeconómico dos seus habitantes. Esta segregação residencial é especialmente forte nas regiões com maior densidade populacional, onde diferentes bairros podem ser habitados por populações com níveis socioeconómicos muito distintos. E como uma das prioridades no ato da matrícula é a área de residência, as diferenças marcadas entre zonas residenciais de uma cidade refletem-se em assimetrias entre as respetivas escolas. Para analisar este aspeto analisou-se a correlação entre densidade populacional e desigualdade entre as escolas.
- 3) Seleção diferenciada das escolas por parte dos encarregados de educação: em regiões com uma elevada densidade geográfica de escolas, em que as escolas ficam relativamente próximas umas das outras, seria mais fácil optarem por matricular os seus educandos numa escola diferente da mais próxima da sua residência, desde que na escola de destino existisse vaga. Todavia, normalmente são os encarregados de educação com mais acesso a informação quem mais uso faz desta possibilidade de escolha, procurando para os seus educandos escolas frequentadas por alunos de níveis socioeconómicos semelhantes, o que potencia a concentração destes alunos em certas escolas, acompanhada da sua quase ausência noutras. No entanto, com as regras das matrículas escolares vigentes na atualidade⁵, já não é uma realidade tão comum.

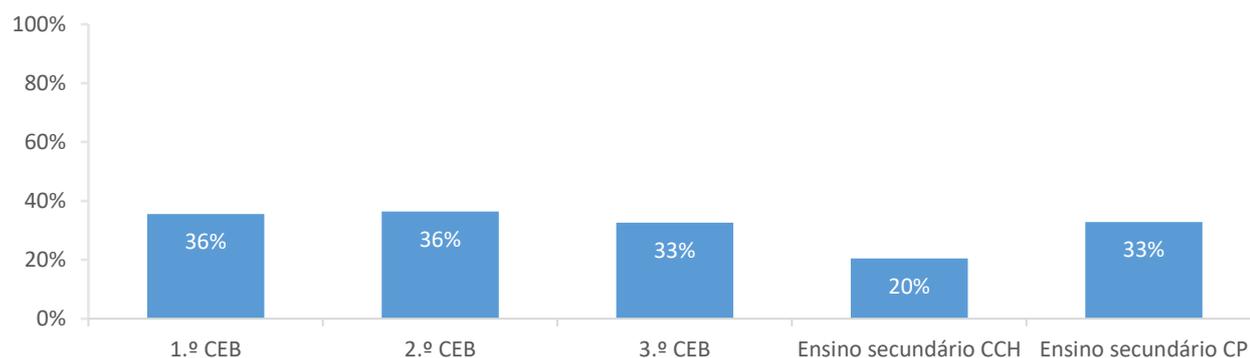
Esses fatores frequentemente reforçam-se mutuamente, criando um ciclo de desigualdade educativa que se reflete também nos resultados escolares dos alunos. Reduzir essas desigualdades requer políticas educativas e de equidade que considerem essas interações e trabalhem para as equilibrar. Em Portugal, por exemplo, nas regras das matrículas escolares, existiram algumas alterações no enquadramento legal vigente, nomeadamente, tendo-se clarificado as regras para a nomeação do encarregado de educação, generalizado a utilização de um portal digital e, visando a promoção da igualdade de oportunidades, criado uma prioridade para alunos com situação socioeconómica mais desfavorecida, nomeadamente beneficiários de escalão de ação social escolar (ASE).

⁵ O enquadramento legal vigente é regulado pelo Decreto-lei n.º 176/2012, de 2 de agosto e pelo Despacho Normativo n.º 10-B/2021, de 14 de abril, que procede à segunda alteração do Despacho Normativo n.º 6/2018, de 12 de abril, com a redação dada pelo Despacho Normativo n.º 5/2020, de 21 de abril, que estabelece os procedimentos da matrícula e respetiva renovação e as normas a observar na distribuição de crianças e alunos, e define o calendário de matrículas e respetiva renovação para o ano escolar de 2021-2022

1. ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS – ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

Em 2022/23, em Portugal continental, a proporção de alunos dos ensinos básico e secundário com Ação Social Escolar (ASE) foi em média 33%, tendo o ensino secundário cursos científico-humanísticos (CCH), com 20%, registado a menor proporção. Nos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico (CEB) observou-se a maior percentagem de alunos com este apoio (36% em ambos os ciclos) (figura 1). Face ao ano letivo 2015/16, no 2.º ciclo, esta proporção diminuiu 12 pontos percentuais (p.p.).

Figura 1 - Percentagem de alunos com apoio ASE, por ciclo e nível de ensino, Portugal continental, 2022/23



Nota: CEB – Ciclo do ensino básico; CCH – Cursos científico-humanísticos; CP – Cursos profissionais.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Por regiões, e mais especificamente por comunidades intermunicipais⁶ (NUTS III), observa-se a existência de uma assimetria regional significativa e diferente nos vários níveis e ciclos de ensino nos alunos beneficiários ASE (figura 2).

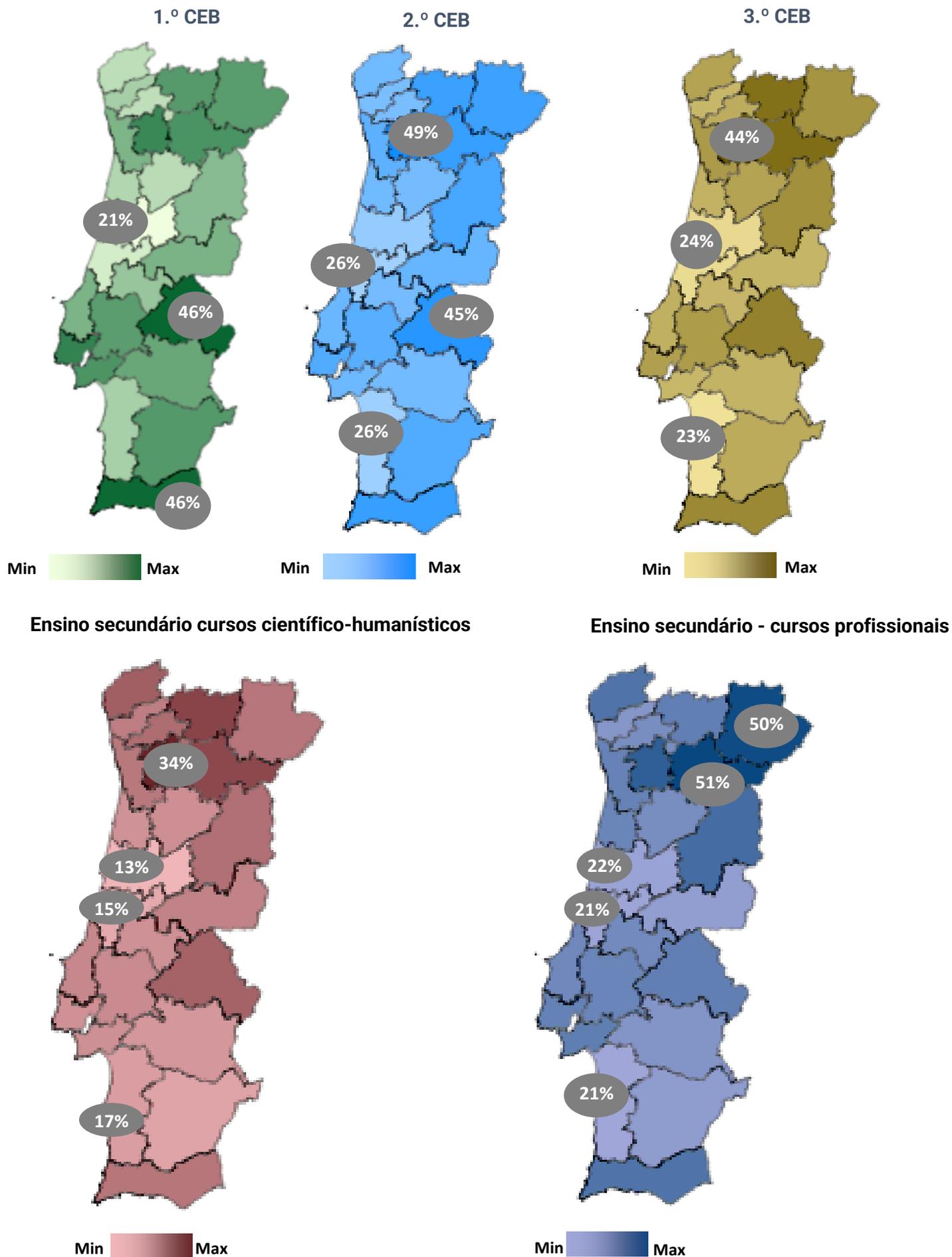
No 1.º ciclo, se por um lado foram as comunidades intermunicipais do Alto Alentejo e do Algarve que tiveram maior proporção de alunos ASE (46%), por outro foi a região de Coimbra que teve a menor proporção (21%).

A comunidade intermunicipal do Tâmega e Sousa, com 49% e 44%, teve a maior percentagem de alunos com ASE nos 2.º e 3.º ciclos. As comunidades intermunicipais do Alentejo Litoral (26% e 23%, respetivamente), de Leiria (26% e 24%, respetivamente) e a de Coimbra no 3.º ciclo (24%), tinham em 2022/23 a menor percentagem de alunos com ASE.

No ensino secundário, as percentagens mais elevadas registaram-se na comunidade intermunicipal do Tâmega e Sousa (34%) no caso dos CCH e no do Douro (51%) e nas Terras de Trás-os-Montes (50%) no caso dos CP. As comunidades intermunicipais de Coimbra (CCH, 13%; CP, 22%), Leiria e Alentejo Litoral (ambas com 21% nos CP e 15% e 17%, respetivamente nos CCH) foram as com menor proporção de alunos com este apoio.

⁶ Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro. São consideradas as Comunidades intermunicipais, mais as áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto.

Figura 2 – Percentagem de alunos com apoio ASE, por ciclo e nível de ensino, por NUTS III, 2022/23



2. ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS – ENSINO BÁSICO

2.1. ASSIMETRIAS NOS DISTRITOS

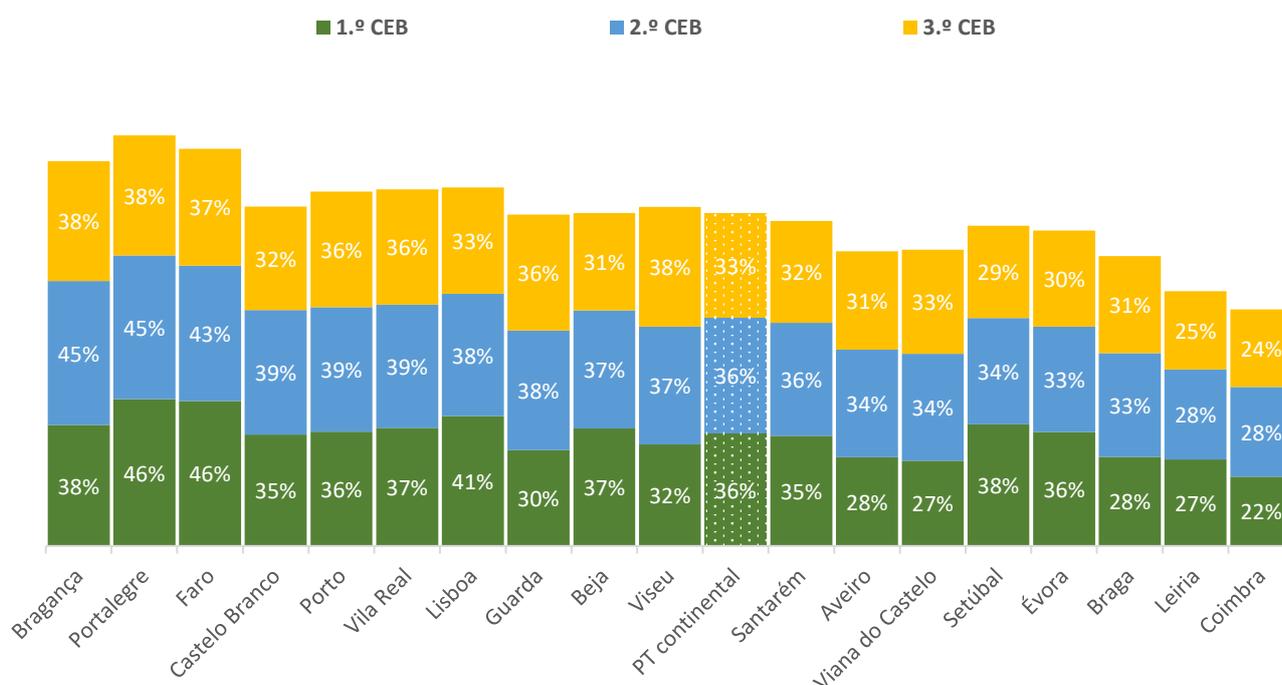
Em 2022/23, a diferença entre o distrito do país com maior predominância de alunos com apoio de Ação Social Escolar nos três ciclos de ensino básico – Bragança e Portalegre nos 2.º e 3.º ciclos e Portalegre e Faro no 1.º ciclo, com valores entre os 37% e os 46% – e o distrito com menor proporção destes alunos – Coimbra, variando entre 22% e 28% – foi de 24 p.p. no 1.º ciclo, 17 p.p. no 2.º ciclo e 13 p.p. no 3.º ciclo.

Leiria e Coimbra foram os distritos com menor percentagem de alunos com ASE, variando entre os 22% e os 28% nos três ciclos do ensino básico (figura 3).

Em termos comparativos com o estudo de 2015/16, observou-se uma descida no 2.º ciclo de 12 p.p. na percentagem de alunos ASE na média do total nacional para este ciclo de ensino (48% em 2015/16, face a 36% em 2022/23). Esta descida é ainda mais evidente e generalizada na análise por distrito, sendo mais acentuada nos distritos de Vila Real e Braga (-19 p.p.). O distrito de Coimbra continua a ser o com menor percentagem de alunos ASE, e com menos 12 p.p. relativamente ao estudo anterior.

No 2.º ciclo, os distritos que apresentaram as maiores percentagens de alunos ASE foram Bragança, Portalegre e Faro, valores que, face a 2015/16, representam descidas de 12 p.p., 5 p.p. e 6 p.p., respetivamente. Observou-se ainda que abaixo da média nacional estavam 7 distritos: Aveiro, Viana do Castelo, Setúbal, Évora, Braga, Leiria e Coimbra, menos dois distritos do que o observado em 2015/16.

Figura 3 - Percentagem de alunos do ensino básico com apoio ASE, por ciclo de ensino e distrito



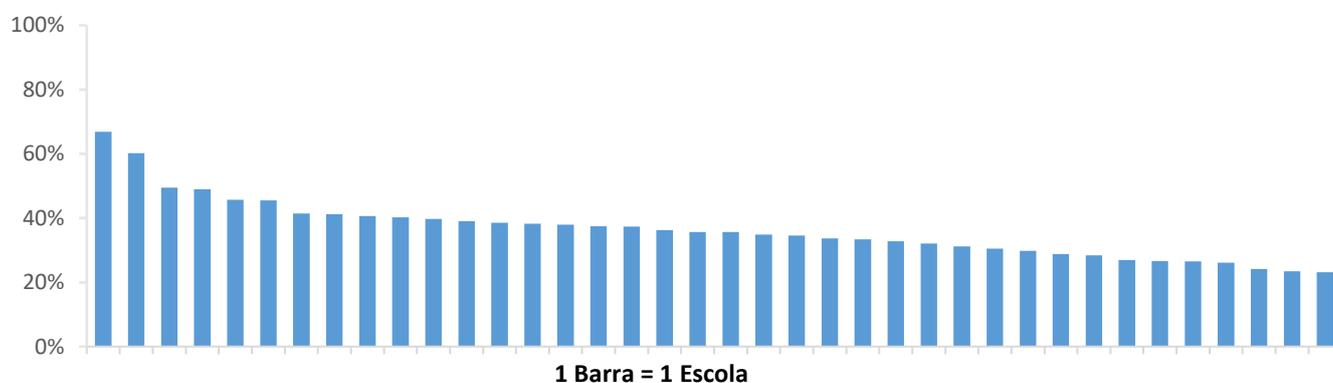
Notas: CEB – Ciclo do ensino básico; Por questões de comparabilidade com o último estudo disponível, a análise teve como critério de primeira ordenação o 2.º CEB.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

2.1.1. ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS DO MESMO DISTRITO

O valor agregado de alunos com ASE em cada distrito pode, à primeira vista, transmitir uma ideia de uniformidade regional dentro do distrito. Todavia, existem assimetrias significativas entre as várias escolas dentro do mesmo distrito. Para ilustrar este ponto, apresentam-se abaixo duas figuras (figura 4 e 5) sobre as escolas do distrito de Santarém e do distrito de Setúbal. Estas duas regiões continuam a ter valores agregados muito semelhantes de alunos com apoio de ASE com diferenças entre 2 e 3 p.p. nos três ciclos do ensino básico, sendo que no 2.º CEB este valor foi de 36% em Santarém e 34% em Setúbal (menos 9 p.p. e 7 p.p. face a 2015/16, respetivamente). As figuras mostram essa percentagem desagregada pelas escolas públicas dos respetivos distritos, sendo que cada barra vertical representa uma escola. Optou-se por ilustrar apenas o 2.º ciclo, por uma questão de comparabilidade com o estudo anterior e porque a um nível geral o padrão observado é comum aos três ciclos em estudo.

Figura 4 - Percentagem de alunos com apoio ASE, por escola pública do 2.º CEB do distrito de Santarém



Nota: As escolas estão ordenadas por ordem decrescente da sua percentagem de alunos com apoio de ASE.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

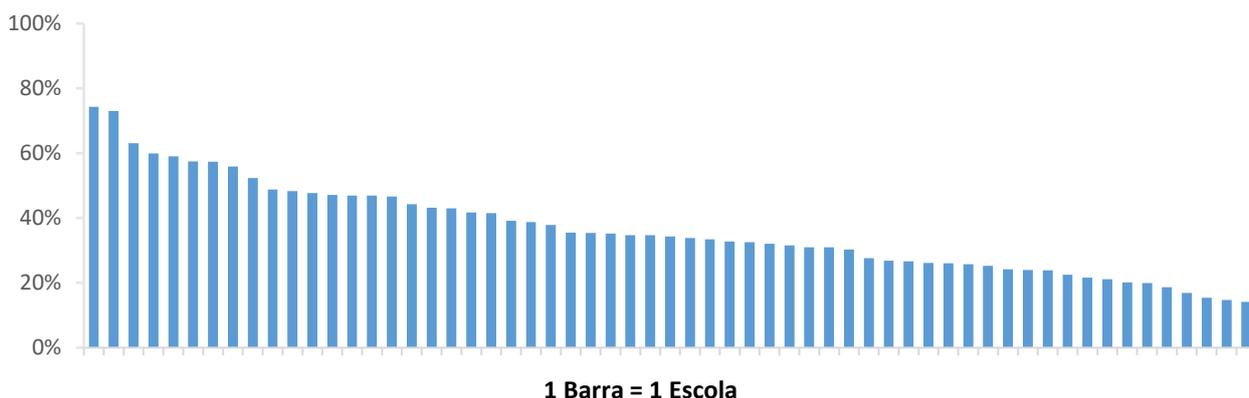
Entre as 38 escolas públicas do 2.º CEB do distrito de Santarém, observam-se percentagens de alunos com apoio ASE que variam entre os 23% e os 67%. Se a distribuição destes alunos fosse absolutamente igualitária ou simétrica nas escolas da região, então todas elas deveriam ter aproximadamente 36% de beneficiários ASE – o valor agregado global do distrito.

Embora as assimetrias entre as escolas do 2.º CEB do distrito de Santarém possam parecer significativas, elas são, na verdade, a seguir ao distrito de Viana do Castelo, as assimetrias mais suaves entre as encontradas nos vários distritos de Portugal continental. De facto, segundo vários indicadores possíveis de assimetria, no 2.º CEB, Santarém e Viana do Castelo⁷ surgem como os distritos mais uniformes do país em termos da distribuição entre escolas dos seus alunos com apoio de ASE.

Esta homogeneidade relativa das escolas do distrito de Santarém é facilmente observável quando comparamos a figura das suas escolas (figura 4) com a figura análoga das escolas do distrito de Setúbal (figura 5), imediatamente abaixo.

⁷ No 1.º CEB foi o distrito da Guarda e no 3.º CEB foi o distrito de Leiria.

Figura 5 - Percentagem de alunos com apoio ASE, por escola pública do 2.º CEB do distrito de Setúbal



Nota: As escolas estão ordenadas por ordem decrescente da sua percentagem de alunos com apoio de ASE.

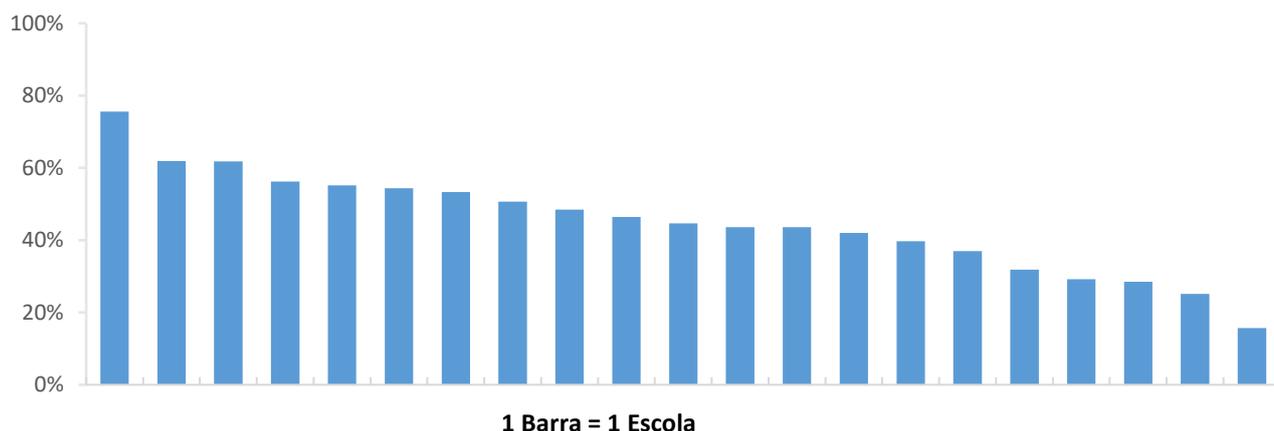
Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

A comparação das duas figuras mostra que, embora a percentagem global de beneficiários com ASE seja semelhante nos distritos de Santarém e de Setúbal, a distribuição destes alunos pelas várias escolas é bastante diferente nos dois distritos. Enquanto em Santarém as escolas têm entre 23% e 67% de alunos com apoios ASE, no distrito de Setúbal a amplitude é maior, variando entre os 14% e os 74%. Portanto, no distrito de Setúbal coexistem escolas em que menos um em cada cinco alunos tem apoio ASE, e escolas em que quase três em cada quatro alunos beneficiam deste apoio. As desigualdades de contexto socioeconómico são maiores entre as escolas do distrito de Setúbal.

Face a 2015/16 estas assimetrias atenuaram-se, mas continuam a existir, e se em termos percentuais o distrito de Setúbal continua a ter menos alunos com apoio ASE do que o distrito de Santarém, a diferença é que, no distrito de Setúbal, os alunos de estratos socioeconómicos baixos estão mais concentrados em certas escolas e estão quase ausentes noutras, enquanto no distrito de Santarém a distribuição é mais homogénea.

Ainda em termos comparativos com 2015/16, outro aspeto a reforçar, foram as descidas mais acentuadas registadas nos distritos de Vila Real e Braga (-19 p.p. em ambos os distritos). Isto não significa que as assimetrias entre escolas tivessem diminuído, já que, enquanto que em Braga a distância entre escolas manteve-se praticamente igual (11,9 p.p. em 2015/16 e 11,7 p.p. em 2022/23), em Vila Real, a distância aumentou 3,2 p.p., o que significa que apesar de se ter verificado uma diminuição de alunos com ASE no distrito, houve também em 2022/23 uma maior assimetria entre as escolas. Observando a distribuição dos alunos pelas várias escolas dos dois distritos, é visível uma maior homogeneidade no distrito de Braga face ao que se observa nas 21 escolas do distrito de Vila Real (figuras 6 e 7). No distrito de Vila Real só seis escolas tinham proporções de ASE abaixo da média do distrito (39%) variando entre os 16% e os 76%.

Figura 6 - Percentagem de alunos com apoio ASE, por escola pública do 2.º CEB do distrito de Vila Real

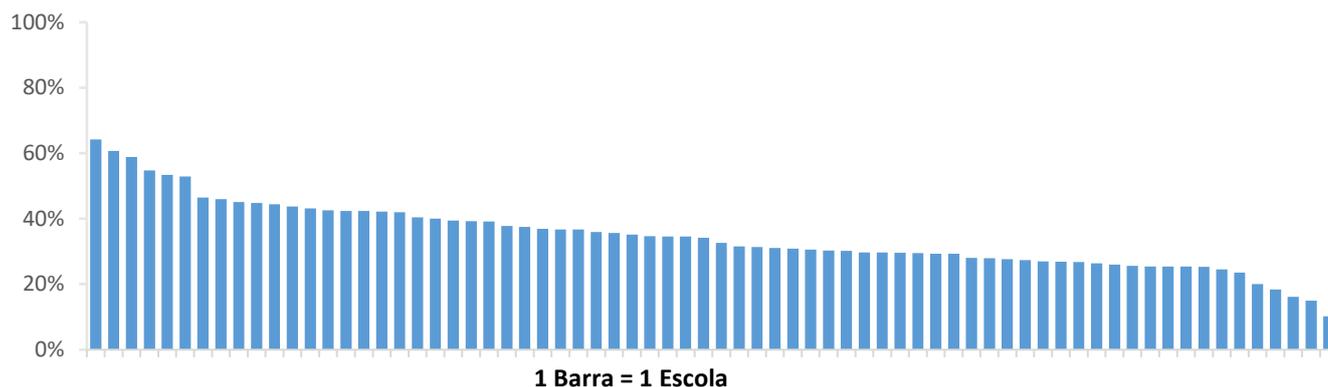


Nota: As escolas estão ordenadas por ordem decrescente da sua percentagem de alunos com apoio de ASE.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Entre as 70 escolas públicas do 2.º CEB do distrito de Braga, observam-se percentagens bastante diferentes de alunos com apoio ASE, variando entre os 10% e os 64%. Não sendo a distribuição destes alunos completamente simétrica entre as escolas da região, a maioria das escolas tem proporções se alunos ASE muitos semelhantes (figura 7).

Figura 7 - Percentagem de alunos com apoio ASE, por escola pública do 2.º ciclo do distrito de Braga



Nota: As escolas estão ordenadas por ordem decrescente da sua percentagem de alunos com apoio de ASE.

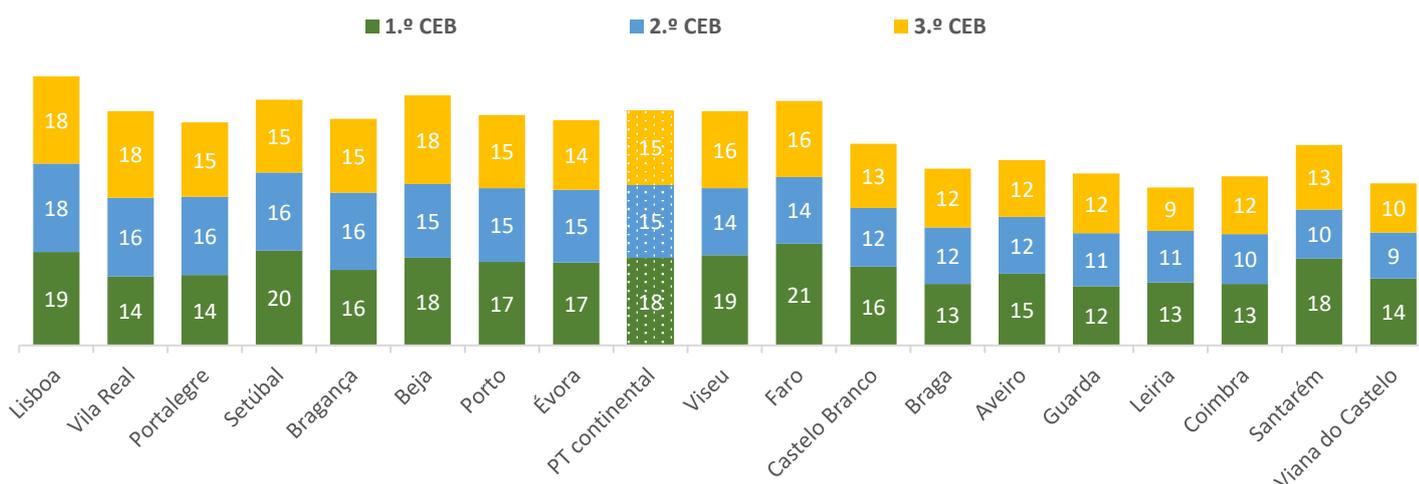
Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

2.1.2. COMPARAÇÃO ENTRE DISTRITOS

O objetivo desta secção é determinar quais são os distritos do país que têm as maiores assimetrias entre as suas escolas, em termos da percentagem de alunos com ASE. Para conseguir medir, quantitativamente, os níveis de assimetria entre escolas utilizou-se o mesmo método aplicado no estudo anterior “diferença média entre as escolas do grupo, em termos das suas percentagens de beneficiários ASE” e acrescentou-se também a amplitude (diferença entre extremos). Este é um indicador bastante simples que, em termos gerais, procura medir a diferença entre cada par de escolas do grupo e depois calcular a média global destas diferenças, para ver se a diferença média é elevada

ou reduzida⁸. Quando a diferença média entre as escolas do grupo é grande, isto quer dizer que se trata de um grupo heterogéneo de escolas; quando a diferença média entre escolas é pequena, temos um grupo homogéneo. Utilizando este método, calculou-se a diferença média entre as escolas pertencentes a cada distrito de Portugal continental, em termos das suas percentagens de alunos com ASE, para procurar avaliar quais os distritos em que a distribuição dos alunos é mais desigual (figura 8).

Figura 8 - Diferença média entre as escolas públicas do distrito, em termos da sua percentagem de alunos com apoio ASE, por ciclo de ensino e distrito (em pontos percentuais)



Notas: CEB – Ciclo do ensino básico; Por questões de comparabilidade com o último estudo disponível, a análise teve como critério de primeira ordenação o 2.º CEB.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, em 2022/23 foi também no distrito de Lisboa que se observaram as escolas públicas mais heterogéneas, em termos da percentagem de alunos que beneficiam de apoio ASE. Se tomarmos duas escolas ao acaso do distrito de Lisboa e compararmos a sua percentagem de beneficiários de ASE, obteremos valores afastados entre si, no caso dos 2.º e 3.º ciclos, em média por 18 p.p. No entanto, este é apenas o afastamento médio entre escolas, existindo no distrito de Lisboa escolas com diferenças muito superiores entre si, como veremos adiante.

A seguir a Lisboa, os distritos com distribuições mais heterogéneas dos alunos com ASE foram, em 2022/23 no 2.º CEB, os distritos de Vila Real, Portalegre e Setúbal. O distrito do Porto, que em 2015/16 ocupava a segunda posição, está agora na 7.ª posição. Os distritos de Beja, Lisboa e Vila Real (todos com 18 p.p.) no 3.º CEB e os de Faro (21 p.p.), Setúbal (20 p.p.), Lisboa (19 p.p.) e Viseu (19 p.p.) no 1.º CEB, foram os que tiveram os valores mais elevados.

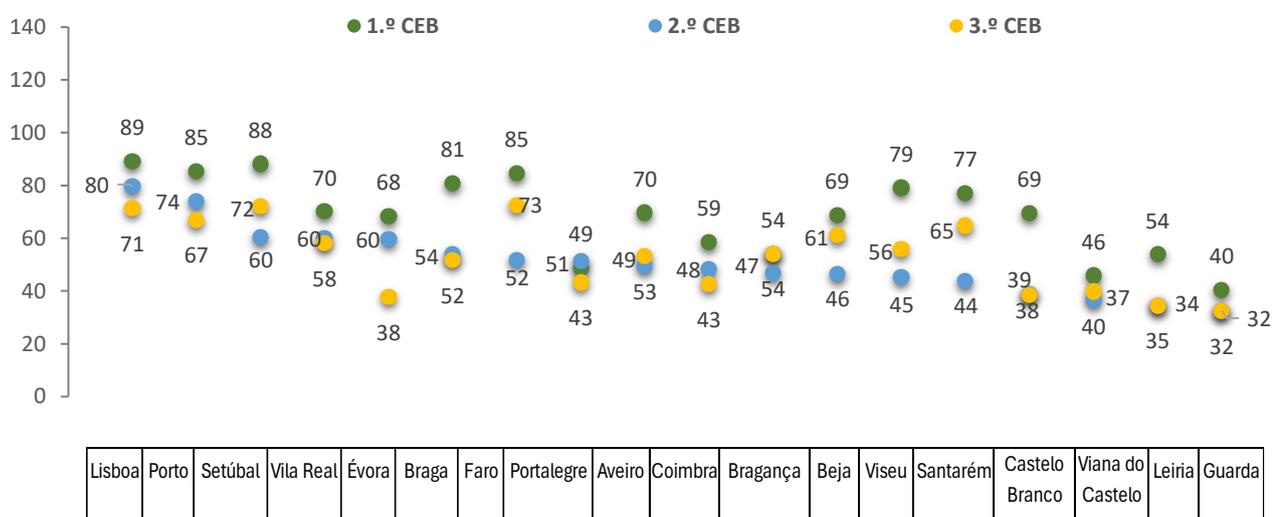
Estes eram os distritos do país em que existia uma maior separação entre os alunos com ASE e os restantes alunos. Por outro lado, as regiões do país que têm escolas mais parecidas entre si, portanto com uma distribuição mais

⁸ Ver explicação mais detalhada no estudo “Assimetrias de contexto socioeconómico entre escolas públicas – 2.º ciclo, 2015/16”, disponível aqui: <https://www.dgeec.medu.pt/art/educacao-pre-escolar-basico-e-secundario/estudos/historico/6554aa033c15e4d06cc450d8>

homogénea dos alunos com ASE, foram no 2.º CEB os distritos de Coimbra, Santarém e Viana do Castelo, no 3.º CEB Leiria e Viana do Castelo e no 1.º CEB Coimbra, Braga e Guarda.

Outra medida complementar de assimetria que se utilizou, embora menos robusta⁹, foi a amplitude das diferenças. E acaba por reforçar os resultados acima descritos. De uma forma geral, nos três ciclos do ensino básico foi o distrito de Lisboa que registou a maior diferença entre o valor máximo e o valor mínimo de alunos com ASE, sendo que no 1.º CEB estas diferenças foram de aproximadamente 10 p.p. acima do 2.º CEB e 18 p.p. do 3.º CEB. Por outro lado, os distritos com menor amplitude de valores foram os distritos de Leiria e da Guarda, com diferentes níveis de diferenças consoante estejamos a falar de cada um dos ciclos do ensino básico (figura 9).

Figura 9 – Amplitude das diferenças entre as escolas públicas do distrito, em termos da sua percentagem de alunos com apoio ASE, por ciclo de ensino e distrito (em pontos percentuais)



Nota: CEB – Ciclo do ensino básico.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

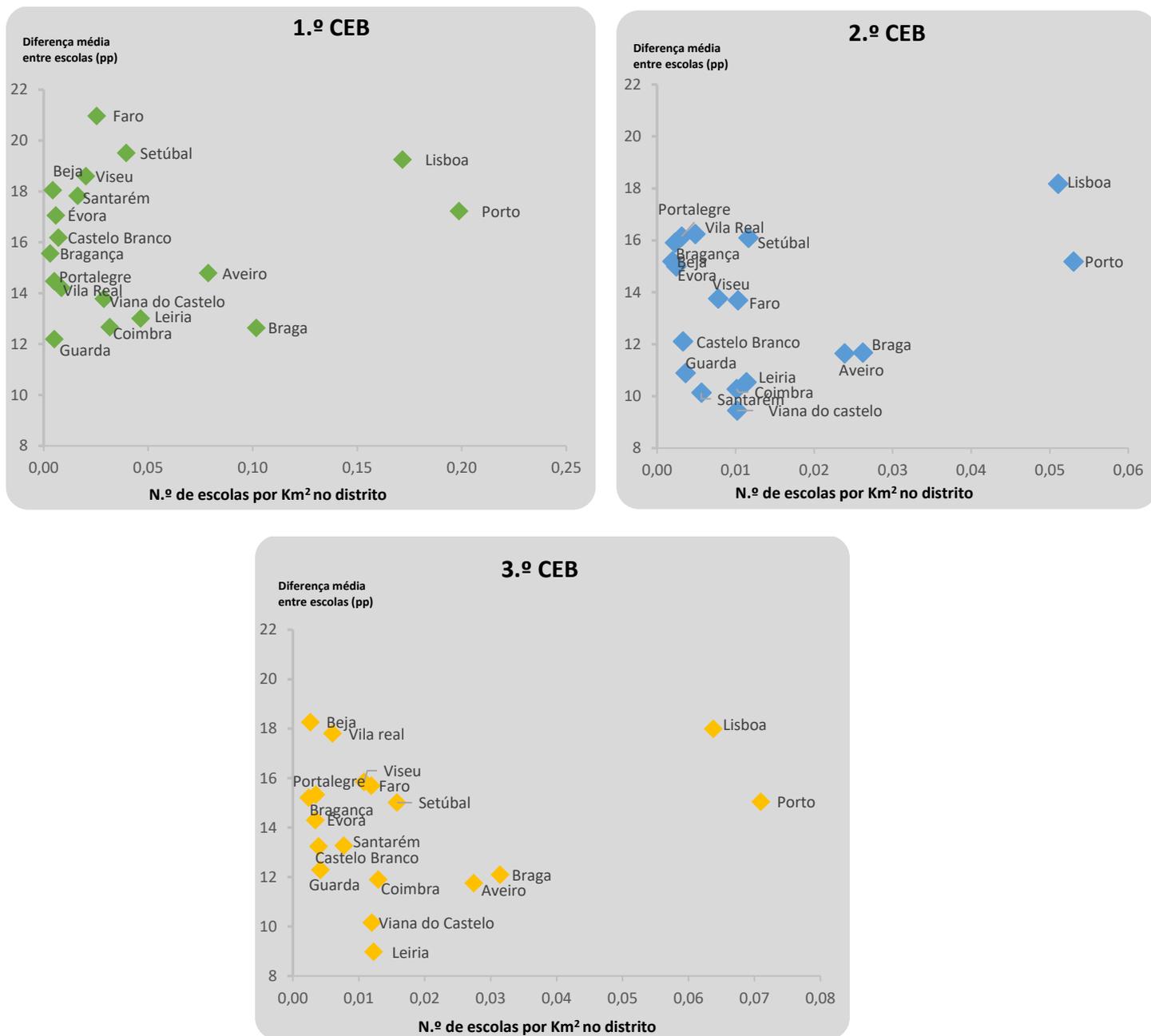
Analisou-se também a relação entre a densidade geográfica dos distritos e as assimetrias entre escolas em que por exemplo, Lisboa e Porto que são os distritos com mais alta densidade geográfica tendem a apresentar níveis mais elevados de assimetrias entre as suas escolas.

Para facilitar a apreensão da correlação entre a densidade geográfica de escolas na região e os níveis de desigualdade entre as escolas, apresenta-se, de seguida, a posição de cada distrito no plano bidimensional definido por estas duas variáveis. Como medida de “densidade geográfica de escolas na região” calculou-se o número de escolas por Km² em cada distrito representado no eixo dos x, e para medir a “desigualdade entre as escolas” utilizou-se o indicador da diferença média entre as escolas em termos das suas percentagens de alunos ASE, representado no eixo dos y. Analisando a figura 10 verifica-se que existe alguma tendência de crescimento da desigualdade entre escolas à medida que a densidade geográfica de escolas no distrito também aumenta. Por um

⁹ Este indicador consiste na diferença entre o valor mais alto e o mais baixo, logo não usando todas as informações disponíveis é sensível a valores extremos.

lado, existem muitos distritos com densidade geográfica de escolas igualmente baixa, mas níveis muito diferentes de assimetrias entre as suas escolas públicas, sendo exemplo disso, para os três ciclos do ensino básico, os distritos da Guarda e Beja, ambos com baixa densidade, mas com níveis muito diferentes de desigualdade. Por outro lado, distritos como Lisboa e Porto, que têm alta densidade geográfica e desigualdade também elevada, mas onde, comparativamente, o distrito de Lisboa regista, em todos os ciclos de ensino básico, níveis de desigualdade mais elevados face ao distrito do Porto.

Figura 10 - Densidade geográfica de escolas no distrito, versus desigualdade de contexto entre as escolas do ensino básico

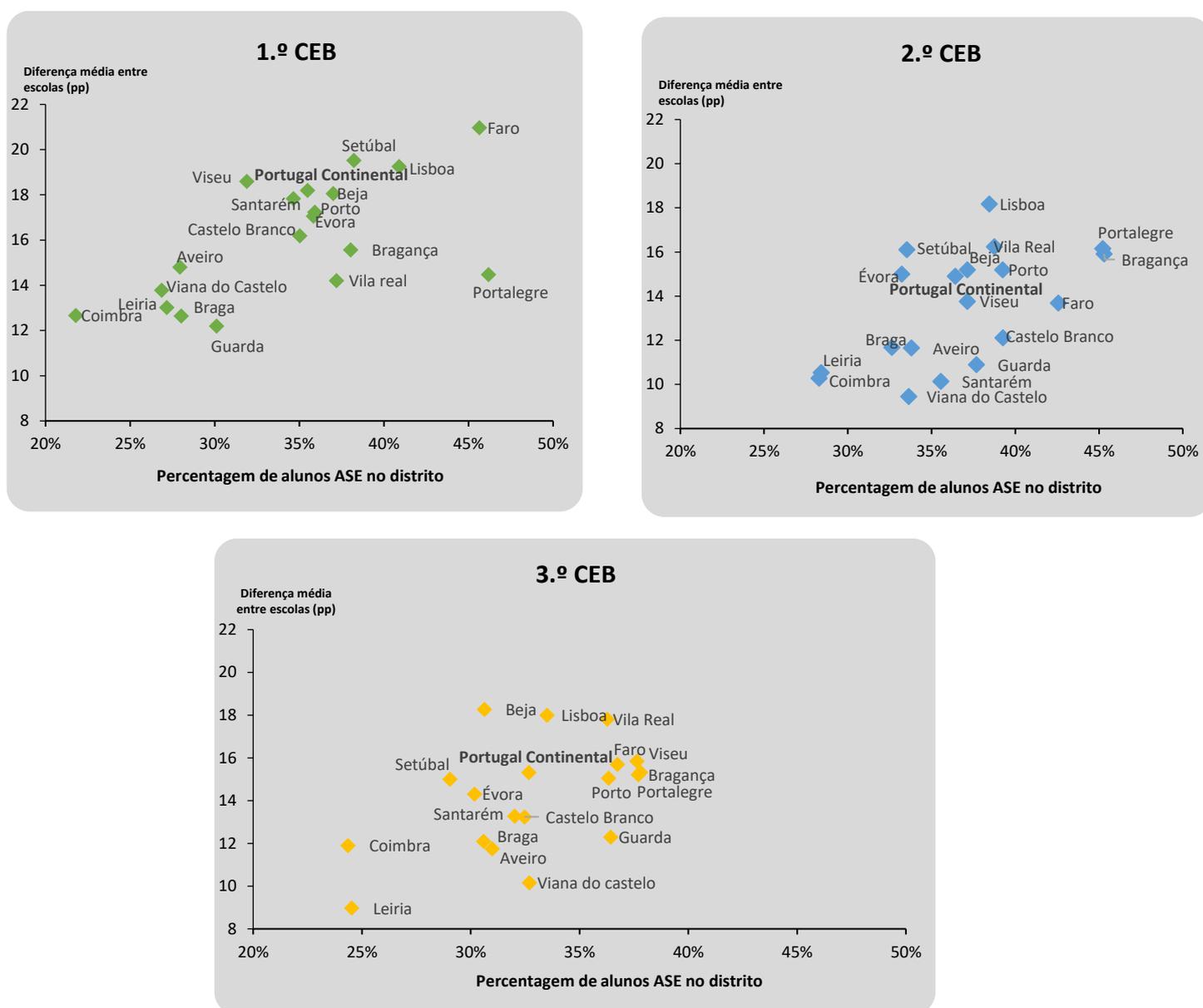


Nota: CEB – Ciclo do ensino básico.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Outra questão explorada foi se existe maior desigualdade entre escolas nos distritos que têm uma maior percentagem de alunos com ASE. Globalmente, o nível de desigualdade entre as escolas de um distrito, em termos da sua percentagem de alunos com ASE, parece tomar valores bastante independentes da percentagem global de alunos com ASE no distrito. Nos exemplos de Setúbal e Santarém, observou-se serem dois distritos com baixas desigualdades a nível interno, portanto com escolas parecidas entre si, mas num deles as escolas tinham (homogeneamente) muitos alunos com ASE, enquanto no outro as escolas tinham (também homogeneamente) menos alunos com ASE.

Figura 11 - Percentagem de alunos do ensino básico com apoio ASE no distrito, *versus* desigualdade de contexto entre as escolas



Nota: CEB – Ciclo do ensino básico.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

No 1.º CEB, os distritos de Bragança e Setúbal, mas também de Portalegre e Faro, no 2.º CEB os distritos de Viana do Castelo, Aveiro e Setúbal e no 3.º CEB, Guarda, Porto, Faro e Vila Real, tinham praticamente a mesma percentagem global de alunos com ASE. Porém, a forma como estes alunos estavam distribuídos pelas escolas do

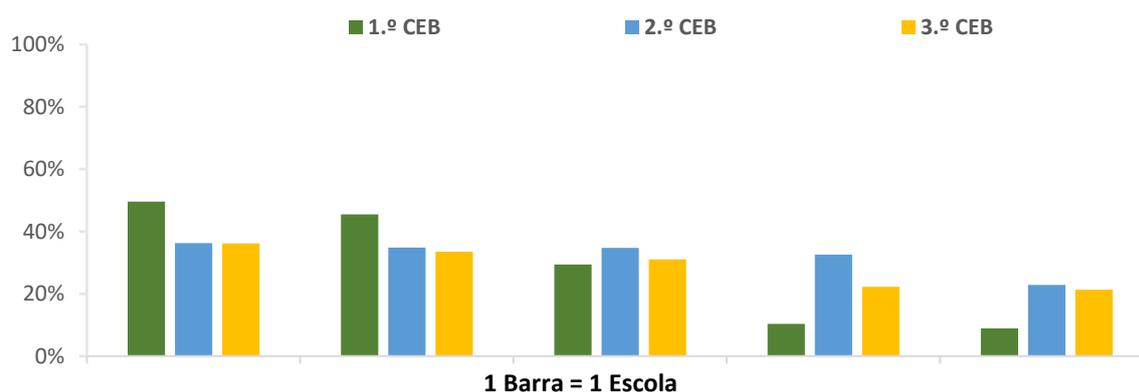
distrito era muito diferente, com as assimetrias entre escolas a crescerem acentuadamente à medida que se passa para os distritos de Setúbal e Faro e, com as maiores assimetrias do país, para o distrito de Lisboa, no caso do 2.º CEB, Lisboa e Beja no caso do 3.º CEB e no 1.º CEB no distrito de Faro (figura 11).

2.2. ASSIMETRIAS NOS MUNICÍPIOS

À partida, poder-se-ia pensar que as assimetrias entre escolas tendem a desaparecer quando se consideram divisões administrativas de menor dimensão, pois existe menos espaço para a existência de contrastes dentro de áreas mais pequenas. Embora esta tendência seja real, existem exceções. Podemos encontrar escolas muito próximas geograficamente, mas muito distantes socialmente. Mesmo em municípios de pequena dimensão geográfica, podemos encontrar fortes assimetrias entre escolas, estando estas diferenças de contexto geralmente associadas a elevados níveis de segregação residencial no município. De seguida apresenta-se o exemplo de dois municípios de média dimensão, Vila do Conde e Portimão.

No município de Vila do Conde, todas as escolas nos 2.º e 3.º CEB têm percentagens muito semelhantes de alunos com ASE (figura 12). Este é, de facto, um dos municípios nacionais com distribuição mais homogénea destes alunos. Note-se que as escolas de Vila do Conde não terão necessariamente níveis semelhantes de resultados escolares finais, pois servem comunidades distintas, têm corpos docentes e instalações diferentes, e poderão, eventualmente, ter abordagens pedagógicas diversas. Todavia, o ponto de partida social parece ser semelhante, pois operam em contextos comparáveis. A realidade socioeconómica global do município aparenta estar espelhada, sem grandes diferenças, em todas as escolas aqui analisadas. No entanto, o mesmo não acontece no caso do 1.º CEB em que o fenómeno é diferente e, apesar de só estarem representadas cinco das 27 escolas, a distribuição é muito heterogénea, já que se verificam escolas com 50% de alunos com ASE e outras apenas com 9%.

Figura 12 – Percentagem de alunos com apoio ASE, por ciclo de ensino no município de Vila do Conde



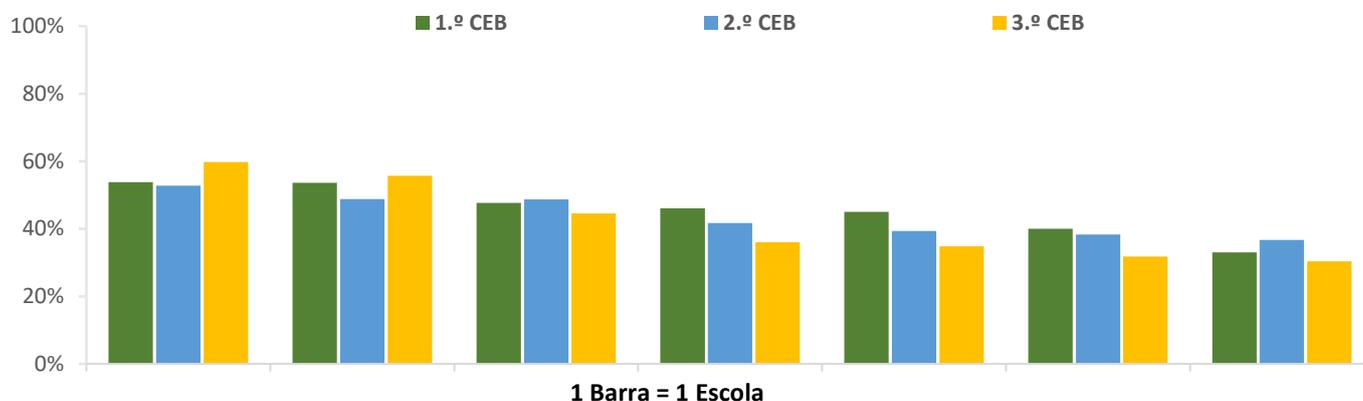
Notas: CEB – Ciclo do ensino básico; Devido ao número de escolas ser diferente nos 3 ciclos de ensino analisados (27, 5 e 7 respetivamente), foram apenas consideradas as duas escolas com mais alunos com ASE, as duas escolas com menos e a escola com o valor da mediana em cada um destes ciclos. No 2.º CEB, foram consideradas a totalidade das escolas, 5.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

A situação é diferente no município de Portimão, em que as suas escolas, para os três ciclos do ensino básico têm percentagens muito diferentes de beneficiários com ASE. Existem escolas com 53% a 60% dos seus alunos oriundos

de agregados familiares de níveis socioeconómicos mais baixos, enquanto outras escolas do mesmo município têm entre 30% e 37% dos seus alunos nas mesmas condições (figura 13).

Figura 13 – Percentagem de alunos com apoio ASE, por ciclo de ensino no município de Portimão

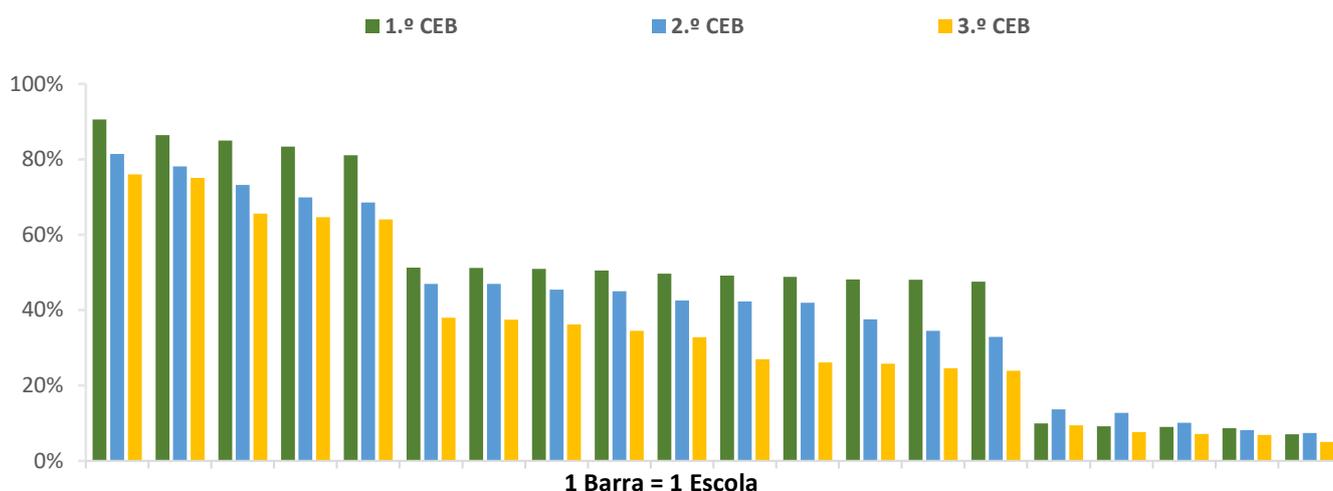


Notas: CEB – Ciclo do ensino básico; No 1.º ciclo devido a ter um número mais elevado de escolas (10) face aos restantes ciclos, foram apenas consideradas as duas escolas com mais alunos com ASE, as duas escolas com menos e três escolas com o valor em torno da mediana. No 2.º e 3.º ciclos, foram consideradas a totalidade das escolas, 7.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Analisa-se de seguida as assimetrias entre as escolas públicas nos dois municípios mais urbanos e populosos do país, Lisboa e Porto. Começando por Lisboa e, comparando com o ano letivo 2015/16, continuam a ser extremamente visíveis as enormes assimetrias entre as escolas, agora representadas para todos os três ciclos do ensino básico. O município de Lisboa continua a ter escolas públicas em que menos de 10% dos alunos beneficiam de apoio de ASE e, em paralelo, tem várias outras com mais de 70% de alunos nestas condições. No 1.º CEB existem pelo menos 5 escolas com mais de 80% de alunos com ASE (figura 14).

Figura 14 – Percentagem de alunos com apoio ASE, por ciclo de ensino no município de Lisboa

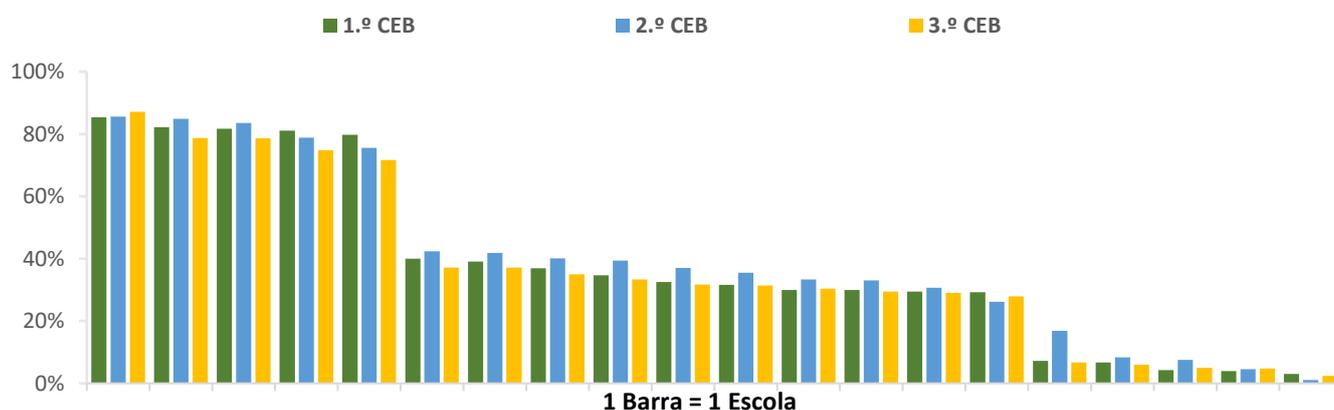


Notas: CEB – Ciclo do ensino básico; Devido ao número de escolas deste município ser diferente nos 3 ciclos de ensino analisados (82, 34 e 46 respetivamente), foram consideradas as cinco escolas com maior número de alunos com ASE, as cinco escolas com menor número de alunos ASE e as 10 escolas que se encontravam em torno da mediana em cada um dos três ciclos de ensino básico.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Para aprofundar a análise das assimetrias no município de Lisboa, e à semelhança do que foi feito no estudo anterior, calculou-se também, para cada escola pública, a percentagem dos seus alunos cuja mãe tem habilitação inferior ao ensino secundário completo. Na sua maioria, são alunos cuja mãe tem escolaridade correspondente ao 6.º ou ao 9.º ano completos. Os resultados apresentam-se na figura 15, em que cada barra representa uma escola.

Figura 15 – Percentagem de alunos cuja mãe não tem o ensino secundário completo, por ciclo de ensino no município de Lisboa



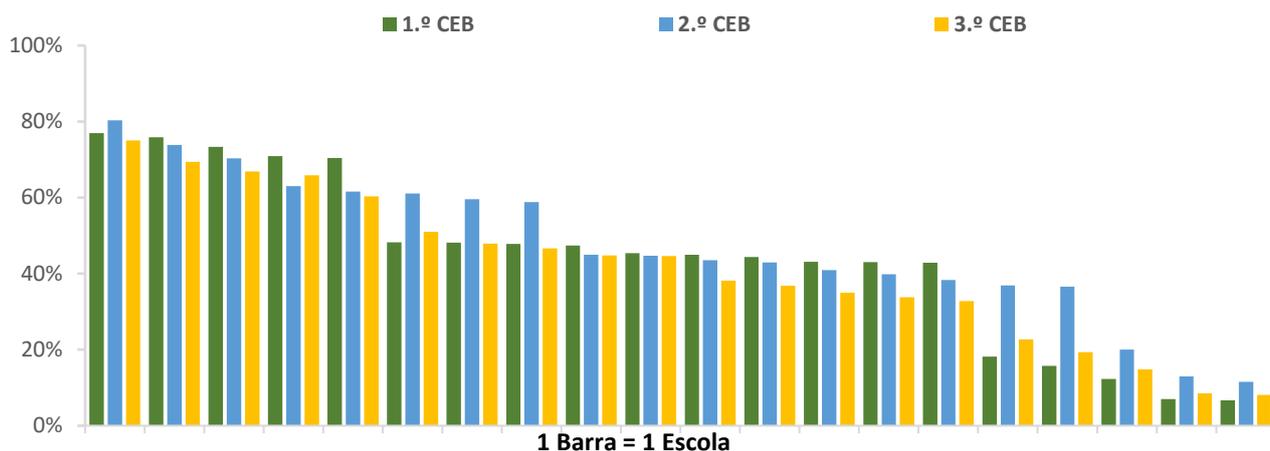
Notas: CEB – Ciclo do ensino básico; Devido ao número de escolas deste município ser diferente nos 3 ciclos de ensino analisados (82, 34 e 46 respetivamente), foram consideradas as cinco escolas com maior número de alunos com ASE, as cinco escolas com menor número de alunos ASE e as 10 escolas que se encontravam em torno da mediana em cada um dos três ciclos de ensino básico.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

As assimetrias entre as escolas públicas de Lisboa são, de facto, extremamente vincadas. Existe um conjunto de escolas em que praticamente todas as mães têm o Ensino secundário completo – a maior parte tem até habilitação superior – e em que apenas 8% das mães, ou menos, têm somente o ensino básico. Ao mesmo tempo, existem outras escolas do município em que cerca de 90% das mães têm habilitação escolar inferior ao ensino secundário em todos os três ciclos de ensino básico analisados.

Os dados para as escolas públicas do município do Porto, o segundo mais populoso do país, mostram uma realidade semelhante à das escolas de Lisboa, uma realidade marcada por grandes assimetrias entre escolas sem diferenças significativas nos três ciclos do ensino básico em análise (figura 16).

Figura 16 – Percentagem de alunos com apoio ASE, por ciclo de ensino no município do Porto

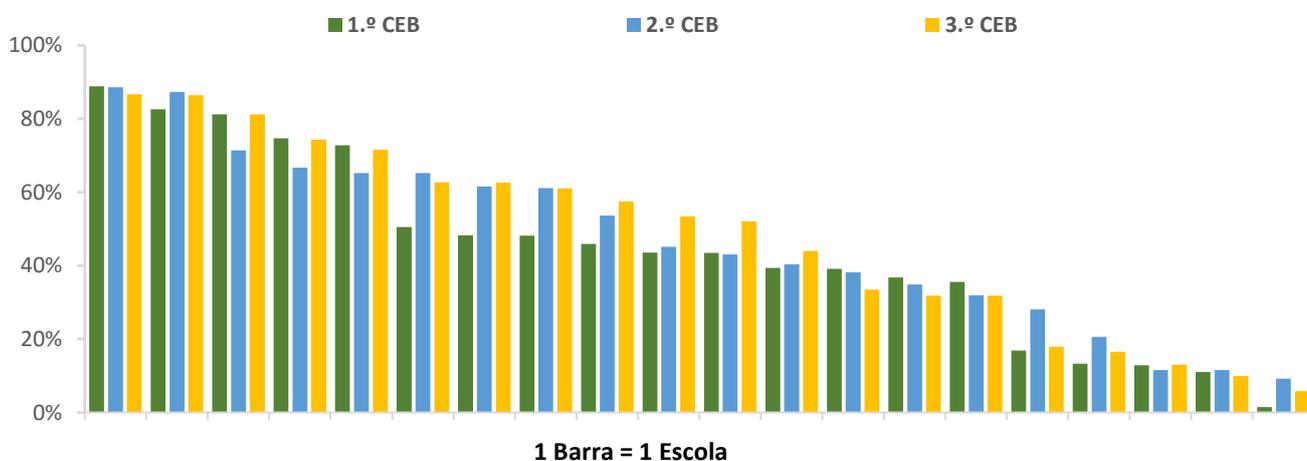


Notas: CEB – Ciclo do ensino básico; Devido ao número de escolas deste município ser diferente nos 3 ciclos de ensino analisados (46, 20 e 26 respetivamente), foram consideradas as cinco escolas com maior número de alunos com ASE, as cinco escolas com menor número de alunos com ASE e as 10 escolas que se encontravam em torno da mediana. No 2.º ciclo foram consideradas a totalidade das escolas.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Relativamente à escolaridade das mães, é também visível a assimetria entre escolas, nas quais umas têm mais de 86% de alunos com mães sem o ensino secundário completo e outras em que somente 9% das mães, ou menos, têm igual escolaridade (figura 17).

Figura 17 – Percentagem de alunos cuja mãe não tem o ensino secundário completo, por ciclo de ensino no município do Porto



Notas: CEB – Ciclo do ensino básico; Devido ao número de escolas deste município ser diferente nos 3 ciclos de ensino analisados (46, 20 e 26 respetivamente), foram consideradas as cinco escolas com maior número de alunos com ASE, as cinco escolas com menor número de alunos com ASE e as 10 escolas que se encontravam em torno da mediana. No 2.º ciclo foram consideradas a totalidade das escolas.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

3 - ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS – ENSINO SECUNDÁRIO

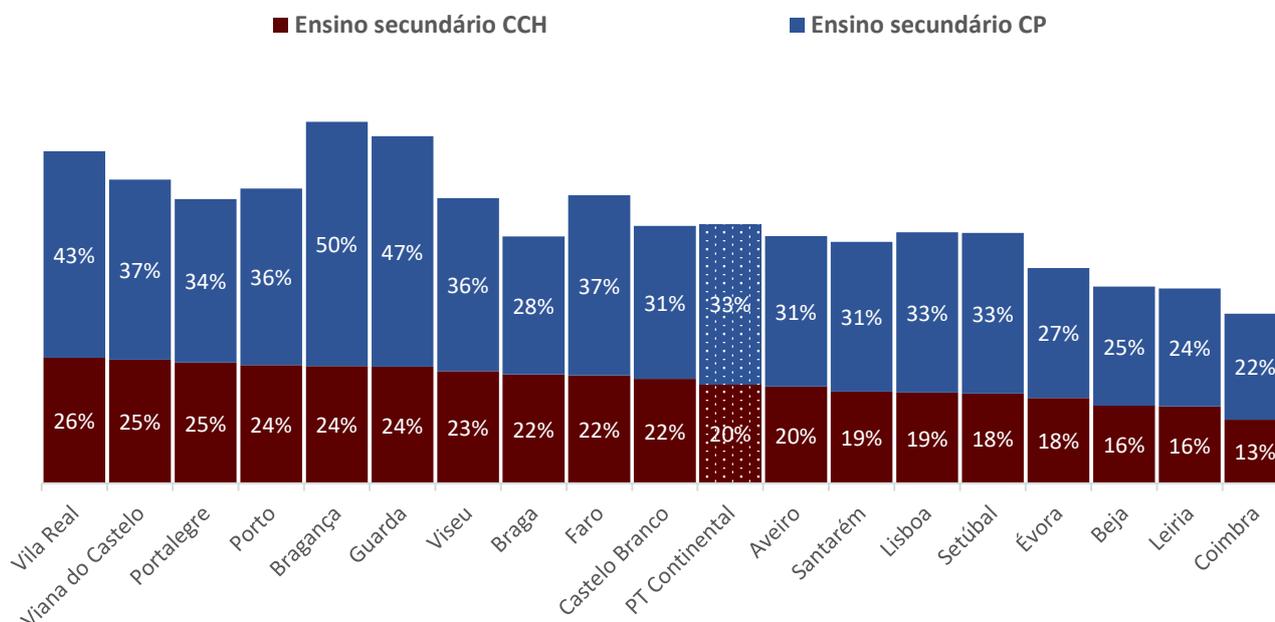
3.1. ASSIMETRIAS NOS DISTRITOS

No ensino secundário, a percentagem dos alunos com apoios de ASE, no ano letivo 2022/23, em Portugal continental, foi de 20% nos cursos científico-humanísticos (CCH) e de 33% nos cursos profissionais (CP). Nos CCH foram principalmente os distritos de Vila Real (26%), Viana do Castelo e Portalegre (ambos 25%), que tiveram maior percentagem de alunos com ASE e nos CP, os distritos de Bragança (50%) e Guarda (47%). No entanto, no distrito da Guarda foram apenas consideradas 3 escolas, sendo necessário ter alguma reserva na análise. Abaixo da média nacional para os cursos científico-humanísticos estão 7 distritos: Santarém, Lisboa, Setúbal, Évora, Beja, Leiria e Coimbra e para os cursos profissionais excluindo os distritos de Lisboa e Setúbal, acrescem, os distritos de Castelo Branco, Braga e Aveiro.

Coimbra, Leiria e Beja foram os distritos com menor percentagem de alunos com ASE no ensino secundário, variando entre os 13% e os 16% nos cursos científico-humanísticos e entre os 22% e os 25% nos cursos profissionais.

Em 2022/23, a diferença entre o distrito do país com maior predominância de alunos com apoio de ASE no ensino secundário – Vila Real nos cursos científico-humanísticos e Bragança nos cursos profissionais, variando entre os 26% e os 50%, respetivamente – e o distrito com menor proporção destes alunos – Coimbra, variando entre 13% nos cursos científico-humanísticos e os 22% nos cursos profissionais – foi de 13 p.p. nos cursos científico-humanísticos e 28 p.p. nos cursos profissionais (figura 18).

Figura 18 - Percentagem de alunos do ensino secundário com apoio ASE, por distrito



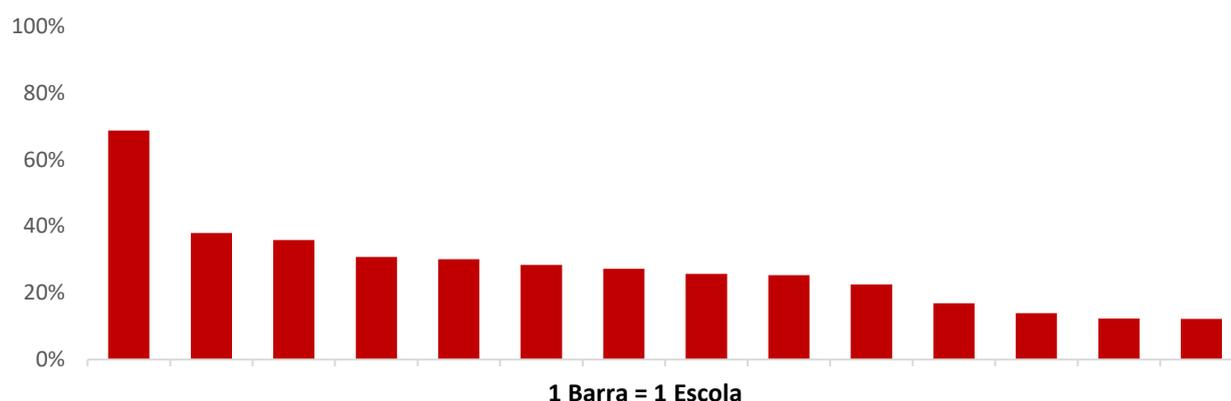
Notas: CCH – Cursos científico-humanísticos; CP – Cursos profissionais; A análise teve como critério de primeira ordenação os cursos científico-humanísticos do ensino secundário.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

3.1.1. ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS DO MESMO DISTRITO

No ensino secundário também se observam assimetrias significativas entre as várias escolas dentro de cada distrito. Para ilustrar este ponto nos CCH apresentam-se abaixo as figuras 19 e 20 sobre as escolas públicas do distrito de Castelo Branco e do distrito de Faro. Estes dois distritos têm valor agregado igual de alunos com apoio de ASE (22% ambos), no entanto têm distribuições muito diferentes. As figuras mostram essa percentagem desagregada pelas escolas públicas dos respetivos distritos, sendo que cada barra vertical representa uma escola.

Figura 19 - Percentagem de alunos com apoio ASE, por escola pública do ensino secundário dos cursos científico-humanísticos do distrito de Castelo Branco

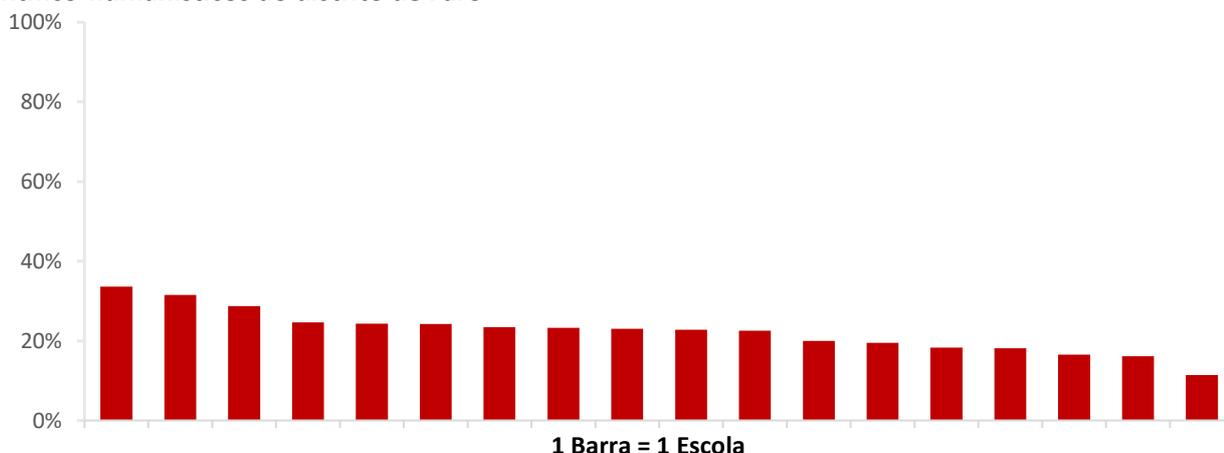


Nota: As escolas estão ordenadas por ordem decrescente da sua percentagem de alunos com apoio de ASE.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

No distrito de Castelo Branco a distribuição entre as 14 escolas analisadas é bastante heterogénea, com escolas com grandes desvios em relação à média global de ASE no distrito, variando entre escolas com 69% de ASE e escolas com 14% ou menos de alunos com ASE (figura 19). Já no distrito de Faro a distribuição entre as 18 escolas analisadas é mais homogénea, apenas com duas escolas acima dos 30% de alunos com ASE (figura 20).

Figura 20 - Percentagem de alunos com apoio ASE, por escola pública do ensino secundário dos cursos científico-humanísticos do distrito de Faro



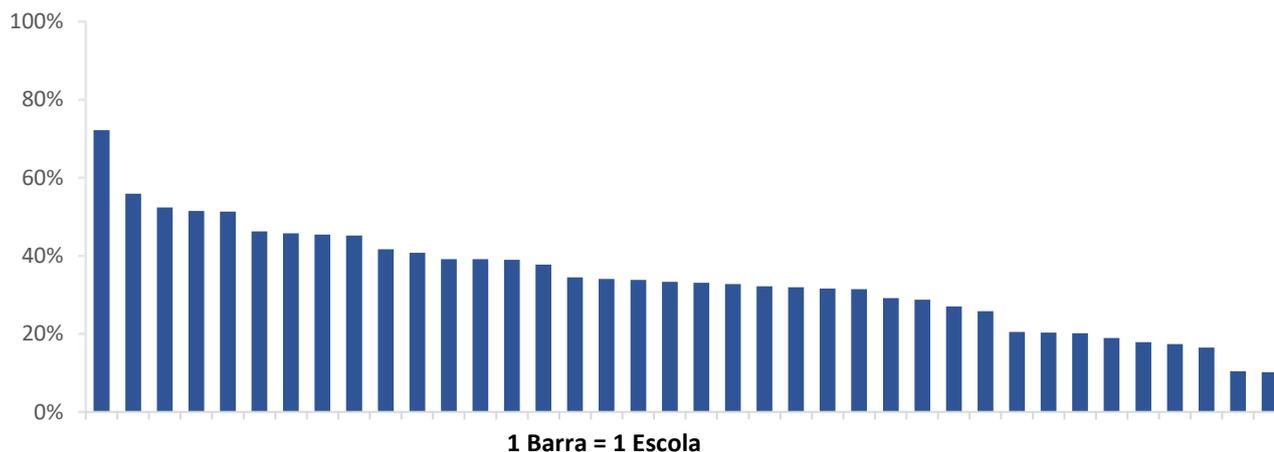
Nota: As escolas estão ordenadas por ordem decrescente da sua percentagem de alunos com apoio de ASE.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Nos CP também se observaram diferenças entre escolas do mesmo distrito com proporções globais de alunos com ASE semelhantes. Isto verifica-se, por exemplo (e à semelhança do ensino básico), nos distritos de Setúbal e Santarém, com proporções de alunos ASE entre os 33% e os 31%, respetivamente.

Na figura 21, observa-se o exemplo para o distrito de Setúbal, com 38 escolas muito diferentes relativamente à proporção de alunos ASE, variando entre escolas com 50% ou mais de alunos com ASE e escolas com 17% ou menos de alunos com ASE (Figura 21)

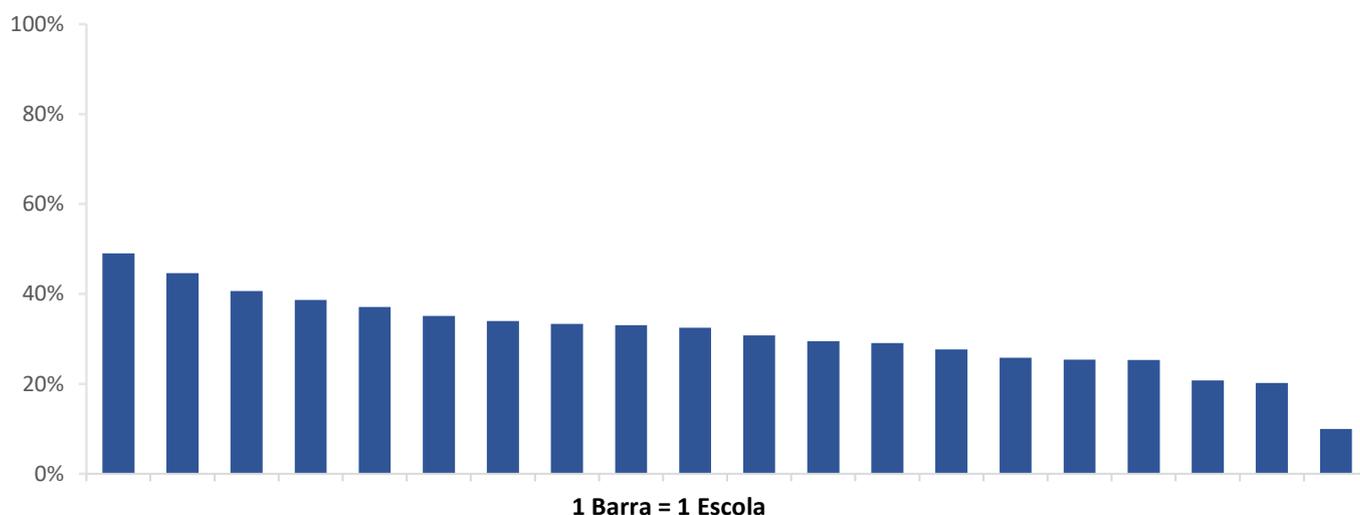
Figura 21 - Percentagem de alunos com apoio ASE, por escola pública do ensino secundário dos cursos profissionais do distrito de Setúbal



Nota: As escolas estão ordenadas por ordem decrescente da sua percentagem de alunos com apoio de ASE.
Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

No distrito de Santarém, observa-se uma distribuição mais homogénea entre as 20 escolas, onde a maioria não apresenta assimetrias significativas entre si (figura 22).

Figura 22 - Percentagem de alunos com apoio ASE, por escola pública do ensino secundário dos cursos profissionais do distrito de Santarém



Nota: As escolas estão ordenadas por ordem decrescente da sua percentagem de alunos com apoio de ASE.
Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

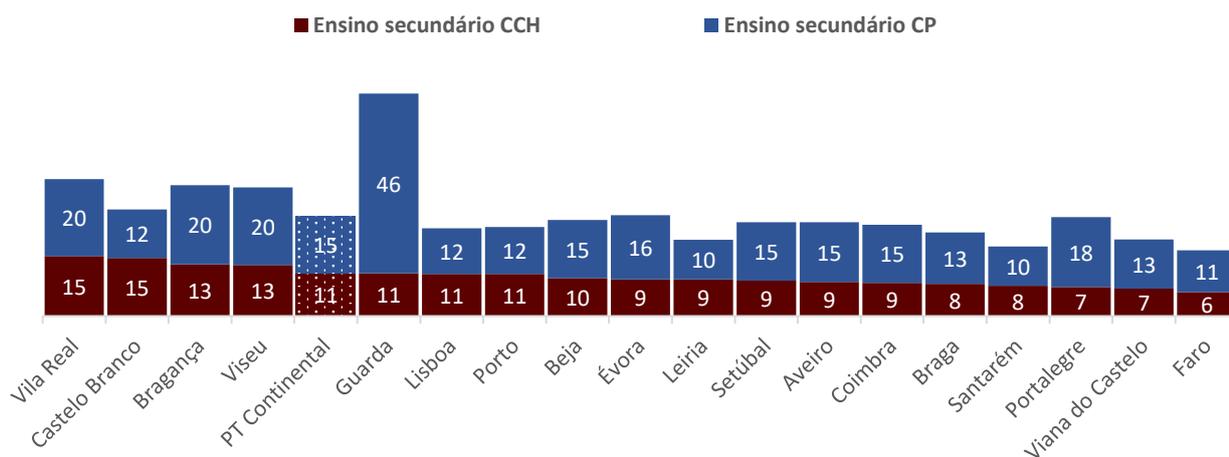
3.1.2. COMPARAÇÃO ENTRE DISTRITOS

À semelhança do que já foi apresentado para o ensino básico, o objetivo desta seção é determinar quais são os distritos do país que têm as maiores assimetrias entre as suas escolas no ensino secundário, em termos da percentagem de alunos com ASE.

Para conseguir medir, quantitativamente, os níveis de assimetria entre escolas utilizou-se o mesmo método usado para o ensino básico: “diferença média entre as escolas do grupo, em termos das suas percentagens de beneficiários ASE” e a amplitude (diferença entre extremos).

Quando a diferença média entre as escolas do grupo é grande, isto significa que se trata de um grupo heterogéneo de escolas; quando a diferença média entre escolas é pequena, temos um grupo homogéneo. Utilizando este método, calculou-se a diferença média entre as escolas pertencentes a cada distrito de Portugal continental em termos das suas percentagens de alunos com ASE, para procurar avaliar quais são os distritos em que a distribuição dos alunos com ASE é mais desigual (figura 23).

Figura 23 - Diferença média entre as escolas públicas do distrito, em termos da sua percentagem de alunos com apoio ASE, por distrito (em pontos percentuais)



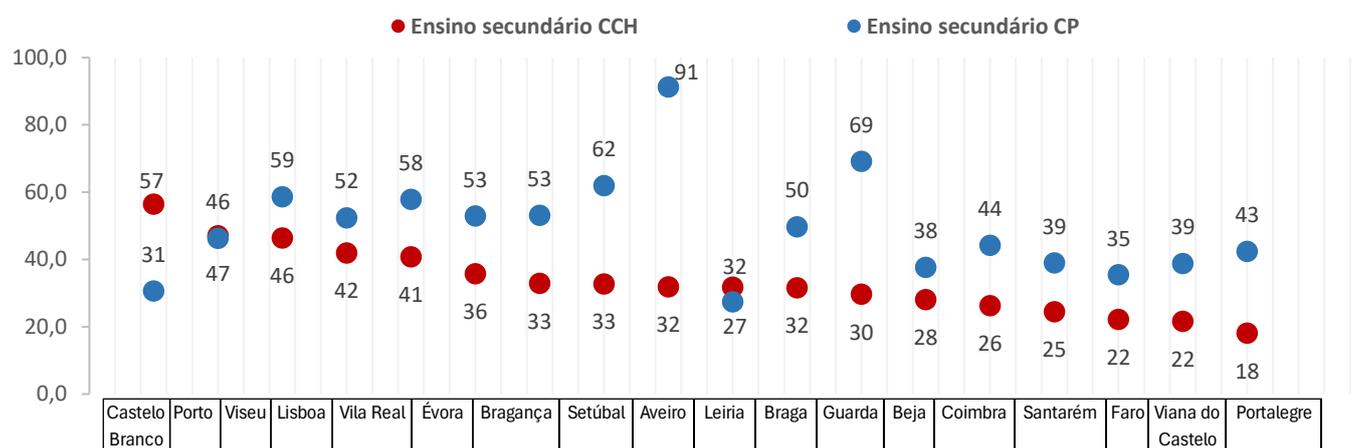
Notas: CCH – Cursos científico-humanísticos; CP – Cursos profissionais; A análise teve como critério de primeira ordenação os cursos científico-humanísticos do ensino secundário.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Nos cursos CCH as diferenças médias globais eram mais homogéneas do que as que se observaram nos CP, com diferenças entre os 15 p.p. e os 6 p.p., e entre os 20 p.p. e os 10 p.p., respetivamente. O distrito da Guarda apresenta uma proporção muito diferente (46 p.p.), mas é o distrito onde se analisaram apenas 3 escolas, devendo, portanto, existir alguma reserva na leitura dos dados e sua interpretação. No caso dos CP, foram os distritos de Bragança, Viseu e Vila Real que apresentaram as maiores diferenças entre as escolas, em média cerca de 20 p.p. Os distritos de Vila Real e Castelo Branco no caso dos CCH, foram os distritos com a maior diferença média entre as escolas. Isto significa que se analisarmos ao acaso duas escolas nestes distritos e compararmos a sua percentagem de alunos com ASE, obteremos valores afastados entre si, em média cerca de 15 p.p. No entanto, este é apenas o afastamento

médio o que significa que haverá escolas com diferenças muito superiores entre si. A figura abaixo mede essas diferenças e acaba por reforçar, e ampliar em alguns casos, o que descrevemos no parágrafo anterior. Por exemplo nos cursos profissionais, no distrito de Aveiro apesar de a distância média entre as escolas do distrito ser de 15 p.p., a amplitude entre o valor máximo e o valor mínimo encontrado entre as escolas do distrito foi 91 p.p. (figura 24)

Figura 24 – Amplitude das diferenças entre as escolas públicas do distrito, em termos da sua percentagem de alunos com apoio ASE, por distrito (em pontos percentuais)



Notas: CCH – Cursos científico-humanísticos; CP – Cursos profissionais; A análise teve como critério de primeira ordenação os cursos científico-humanísticos do ensino secundário.

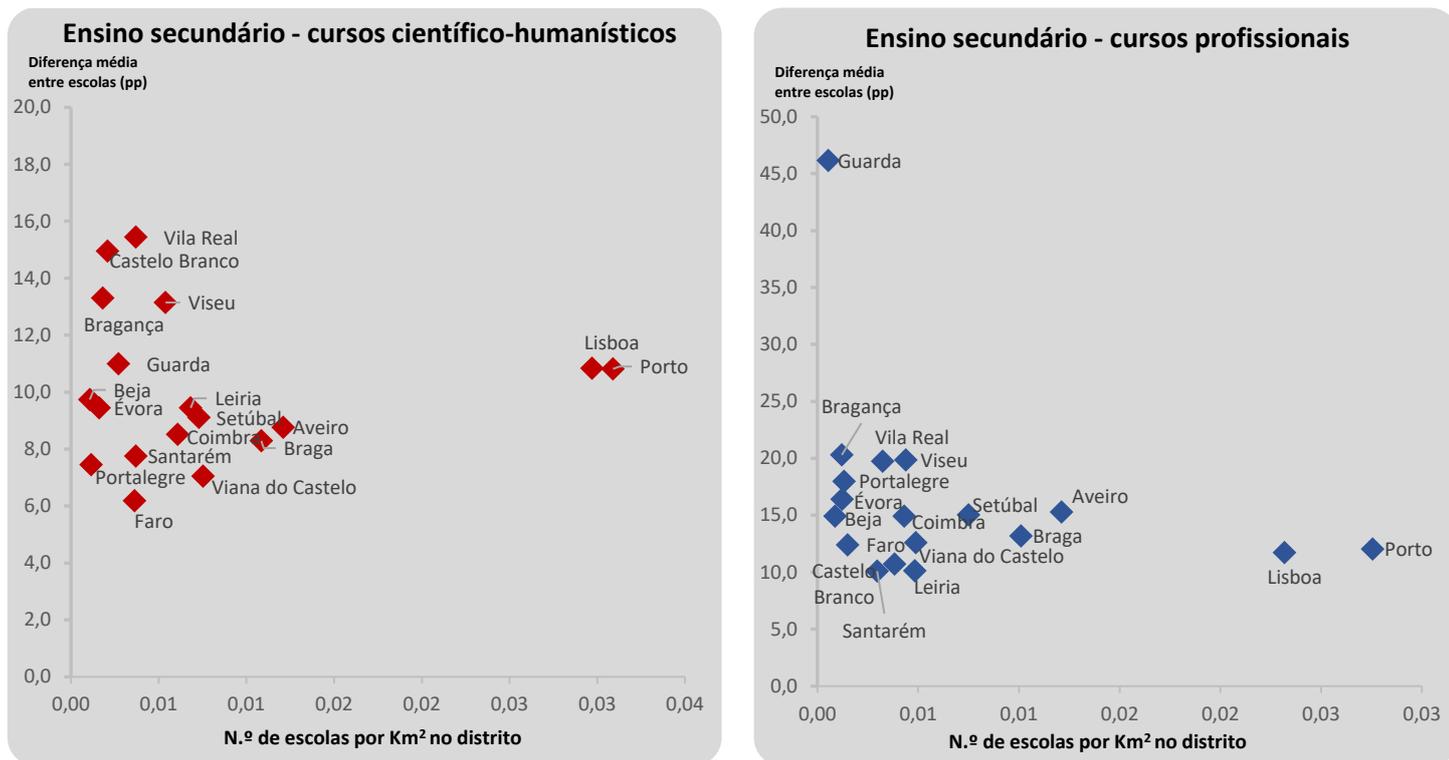
Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Analisou-se também a relação entre a densidade geográfica dos distritos e as assimetrias entre escolas. Para facilitar a apreensão desta correlação entre a densidade geográfica de escolas na região e os níveis de desigualdade entre as escolas, apresenta-se a posição de cada distrito no plano bidimensional definido por estas duas variáveis. Como medida de “densidade geográfica de escolas na região” calculou-se o número de escolas por Km² em cada distrito representado no eixo dos x, e para medir a “desigualdade entre as escolas” utilizou-se o indicador da diferença média entre as escolas em termos das suas percentagens de alunos ASE, representado no eixo dos y.

Analisando a figura 25, e ao contrário do que se verificava no ensino básico, a correlação não é tão forte entre o crescimento de desigualdades entre as escolas e a maior densidade geográfica de escolas no distrito. Vejamos o caso de Lisboa e Porto que, em ambas as ofertas de ensino secundário, não são os distritos com maior desigualdade, tendo ambos valores de 11 p.p. nos CCH e 12 p.p. nos CP.

Por sua vez, existem muitos distritos com baixa densidade geográfica de escolas, mas com níveis muito diferentes de assimetrias entre as suas escolas públicas, referindo-se como exemplo, em ambas as ofertas do ensino secundário, os distritos como Santarém e de Vila Real.

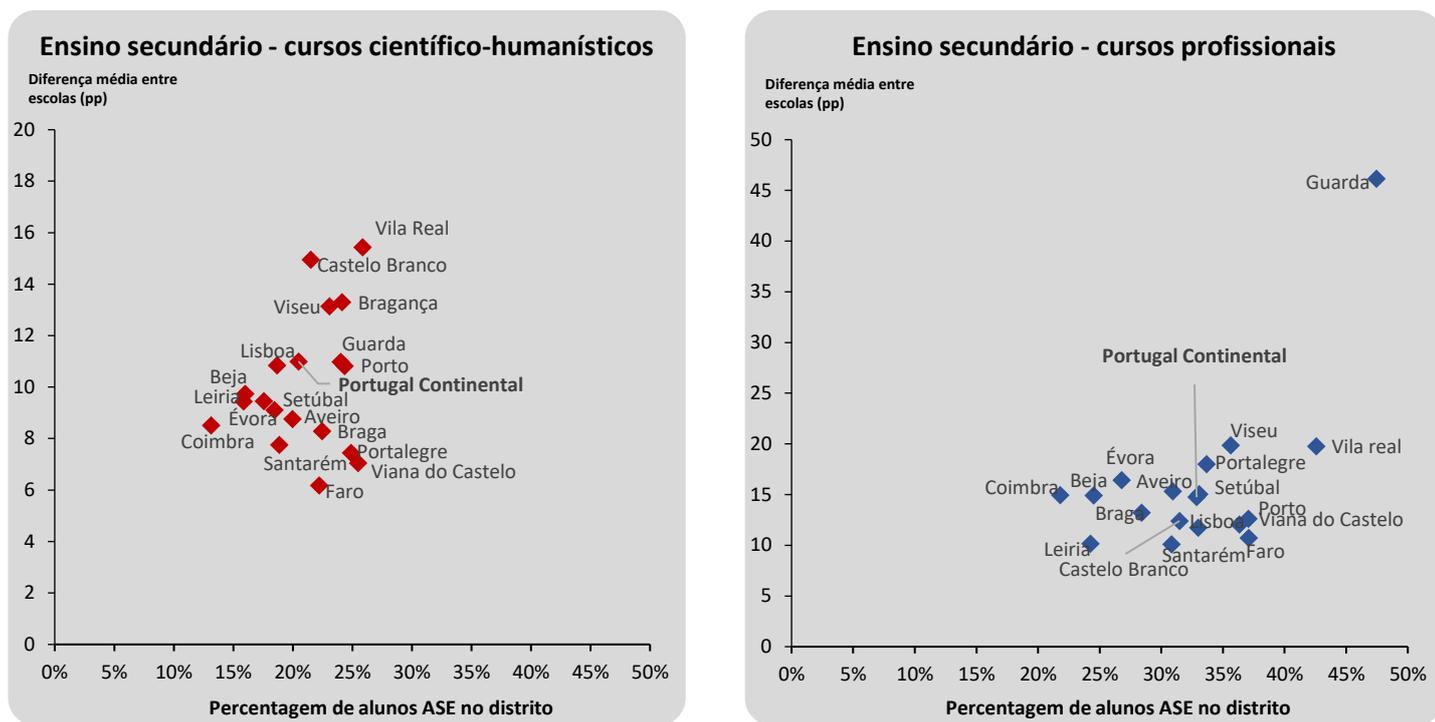
Figura 25 - Densidade geográfica de escolas no distrito, versus desigualdade de contexto entre as escolas do ensino secundário



Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Outra questão analisada, também no ensino secundário, foi a existência de maior desigualdade entre escolas nos distritos que têm uma maior percentagem de alunos com ASE. Globalmente, o nível de desigualdade entre as escolas de um distrito, em termos da sua percentagem de alunos com ASE, parece tomar valores bastante independentes da percentagem global de alunos com ASE no distrito. Nos exemplos de Setúbal e Santarém, nos CP e nos distritos de Castelo Branco e Faro nos CCH, observou-se a existência de distritos com baixas desigualdades a nível interno, portanto com escolas parecidas entre si, mas num deles as escolas têm (homogeneamente) muitos alunos com ASE, enquanto no outro distrito as escolas têm (também homogeneamente) poucos alunos com ASE (figura 26).

Figura 26 - Percentagem de alunos do Ensino secundário com apoio ASE no distrito, versus desigualdade de contexto entre as escolas



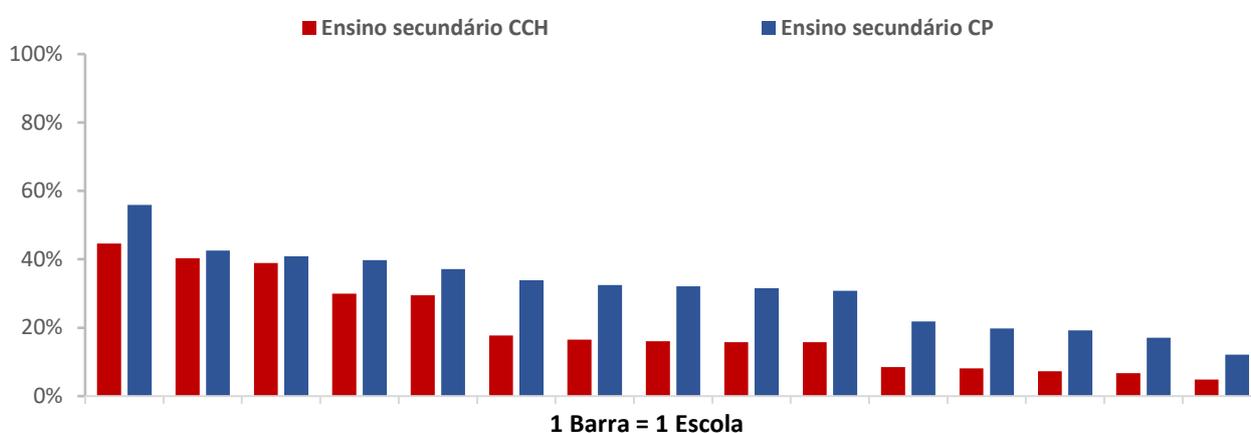
Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

3.2. ASSIMETRIAS NOS MUNICÍPIOS

Analisou-se também a percentagem de alunos com apoio de ASE, em 2022/23, nas escolas do ensino secundário nos dois municípios mais urbanos e populosos do país, Lisboa e Porto.

No município de Lisboa, para ambas as ofertas de educação e formação do ensino secundário, é visível as assimetrias entre as escolas, não tão vincadas como o observado no ensino básico, mas ainda assim existentes. O município de Lisboa nos CCH não tem nenhuma escola pública com mais de 50% de alunos com ASE, tendo este valor variado entre os 45% e os 5%, e apenas 5 escolas têm menos de 10% de alunos com ASE. No caso dos cursos profissionais do ensino secundário, a proporção de alunos ASE variou entre os 56% e os 12%, sendo que apenas 3 escolas se encontravam abaixo dos 20% de alunos com ASE (figura 27).

Figura 27 – Percentagem de alunos com apoio ASE, no ensino secundário, município de Lisboa



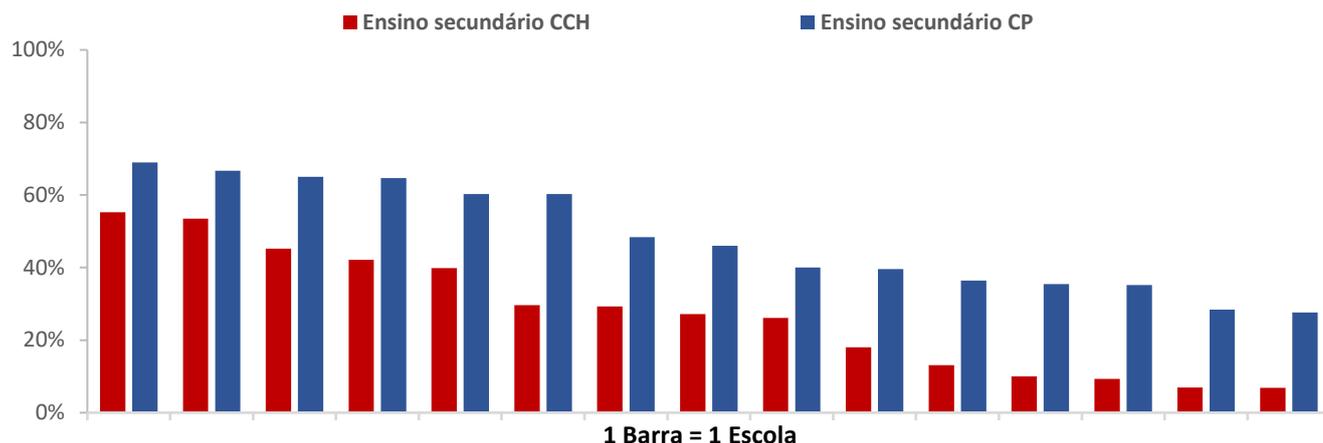
Notas: CCH – Cursos científico-humanísticos; CP – Cursos profissionais; Devido ao número de escolas neste município ser diferente nos cursos científico-humanísticos e nos cursos profissionais do ensino secundário (21, e 16 respetivamente), foram consideradas as cinco escolas com maior número de alunos com ASE, as cinco escolas com menor número de alunos ASE e as 5 escolas que se encontravam em torno da mediana em cada uma das ofertas de ensino secundário.

A análise teve como critério de primeira ordenação os cursos científico-humanísticos do ensino secundário.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Para aprofundar a análise das assimetrias no município de Lisboa, e à semelhança do que foi feito para o ensino básico, calculou-se também, para cada escola pública, a percentagem dos alunos cuja mãe tinha habilitação inferior ao ensino secundário completo. Os resultados apresentam-se na figura 28, em que cada barra representa uma escola.

Figura 28 – Percentagem de alunos cuja mãe não tem o ensino secundário completo, município de Lisboa



Notas: CCH – Cursos científico-humanísticos; CP – Cursos profissionais; Devido ao número de escolas neste município ser diferente nos cursos científico-humanísticos e nos cursos profissionais do ensino secundário (21, e 16 respetivamente), foram consideradas as cinco escolas com maior número de alunos com ASE, as cinco escolas com menor número de alunos ASE e as 5 escolas que se encontravam em torno da mediana em cada uma das ofertas de ensino secundário.

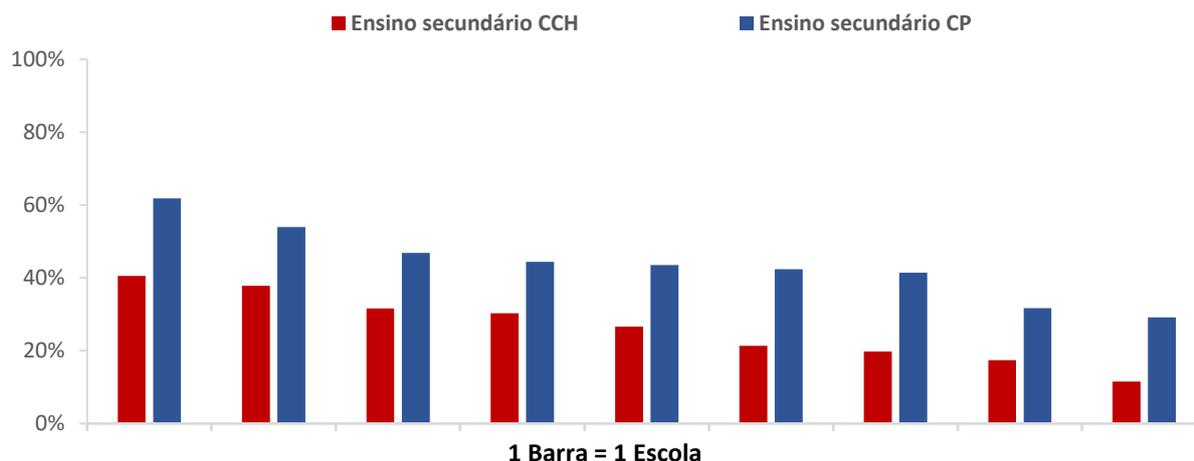
A análise teve como critério de primeira ordenação os cursos científico-humanísticos do ensino secundário.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Nos CCH existiam apenas duas escolas com mais de 50% de alunos cujas mães não tinham o ensino secundário completo. Na maioria das escolas, mais de metade dos alunos tinham mães com a escolaridade obrigatória completa ou superior. Nos CP, na maioria das escolas, 46% ou mais dos seus alunos têm mães sem a escolaridade obrigatória completa.

Os dados para as escolas públicas do município do Porto, o segundo mais populoso do país, mostram uma realidade semelhante à das escolas de Lisboa. Nos CCH nenhuma escola analisada tinha mais de 42% de alunos ASE, variando este valor entre 41% e os 12%. Nos CP esta percentagem variou entre os 62% e os 29% (figura 29).

Figura 29 – Percentagem de alunos com apoio ASE, no ensino secundário, município do Porto



Notas: CCH – Cursos científico-humanísticos; CP – Cursos profissionais; Devido ao número de escolas neste município ser diferente nos cursos científico-humanísticos e nos cursos profissionais do ensino secundário (10, e 9 respetivamente), foram consideradas a totalidade das escolas profissionais do ensino secundário e 9 escolas com cursos científico-humanísticos.

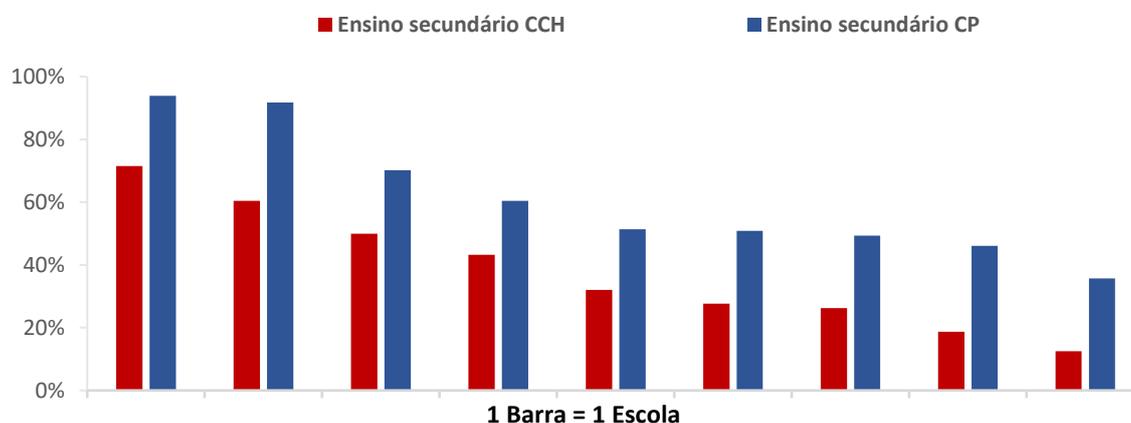
A análise teve como critério de primeira ordenação os cursos científico-humanísticos do ensino secundário.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Relativamente à escolaridade das mães, nos CCH existiam apenas duas escolas analisadas em que 40% ou mais alunos tinham mães sem o ensino secundário completo. No entanto, na maioria das escolas, mais de metade dos

alunos tinham mães com a escolaridade obrigatória completa ou superior. Nos CP a situação é diferente: por um lado, existem duas escolas em que só 8% e 6% de alunos tinham mães com escolaridade obrigatória completa; por outro lado, existem 3 escolas em que mais de 50% dos alunos tinham mães com escolaridade obrigatória completa ou habilitações superiores (figura 30).

Figura 30 – Percentagem de alunos cuja mãe não tem o ensino secundário completo, município do Porto



Notas: CCH – Cursos científico-humanísticos; CP – Cursos profissionais; Devido ao número de escolas neste município ser diferente nos cursos científico-humanísticos e nos cursos profissionais do ensino secundário (10, e 9 respetivamente), foram consideradas a totalidade das escolas profissionais do ensino secundário e 9 escolas com cursos científico-humanísticos.

A análise teve como critério de primeira ordenação os cursos científico-humanísticos do ensino secundário.

Fonte: DGEEC, Dados reportados pelas escolas ao sistema de informação do Ministério da Educação Ciência e Inovação (MECI), 2022/23.

Anexos

As tabelas do anexo encontram-se em ficheiros Excel e ODS.